

Apontamentos para uma descrição codicológica do códice BnF, Portugais 5

Susana Tavares Pedro
Centro de História
Universidade de Lisboa

Das obras de D. Duarte (1391-1438), *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sela*,¹ conhece-se apenas um manuscrito com o testemunho único de ambas,² o códice quatrocentista conservado na Bibliothèque nationale de France com a cota BnF, Département des Manuscrits, Portugais 5. Dada a importância do manuscrito para a tradição textual das obras, não surpreende que o texto tenha sempre sido muito mais valorizado do que o seu veículo material (excepto no que respeita às questões da datação, origem e proveniência do códice).³ O Portugais 5 é mais do que um objecto de grande beleza e qualidade e, em simultâneo, testemunho único de textos importantes; é fruto de uma intenção, de um centro produtor e de um processo de fabrico cujos vestígios se podem detectar por todo o códice.

Apresento aqui uma análise preliminar de alguns destes aspectos materiais, uns ignorados, outros que penso não terem sido bem interpretados, na esperança de que as informações fornecidas possam contribuir para um maior conhecimento do manuscrito e da sua história. O termo “apontamentos” no título deste trabalho pretende acautelar o leitor para o facto de não se fazer aqui uma descrição codicológica do Portugais 5 uma vez que as observações expostas não resultam de consulta directa do códice mas sim das imagens de alta resolução disponibilizadas pela BnF.⁴ Trata-se, pois, de uma primeira abordagem que tem como fim esclarecer algumas questões que emergiram do confronto entre as descrições conhecidas do códice e as imagens disponíveis, estando previsto um estudo codicológico ulterior. Não obstante, as conclusões que aqui apresento afiguram-se-me válidas, excepto aquelas devidamente apontadas como sujeitas a confirmação perante exame directo do manuscrito.

Abordarei nestas páginas alguns aspectos das descrições materiais até hoje publicadas, uma proposta de explanação da estrutura codicológica do Portugais 5 e algumas considerações de cariz codicológico e paleográfico, entre as quais a proposta

¹ Doravante também referidas de forma abreviada como *LC* e *LdE*, respectivamente.

² Do *LC* existem versões de alguns capítulos em outros manuscritos, havendo também uns poucos capítulos comuns ao *LC* e ao *LdE* (cf. Piel 1944, VIII e XIII).

³ Para o historial das questões e propostas mais recentes, *vd.* Dionísio & Sá-Nogueira.

⁴ No âmbito do projecto *Edição Electrónica do Leal Conselheiro*, coordenado por João Dionísio (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), Paloma-Celis Carbajal (Universidade de Wisconsin) e Pedro Estácio (Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), a Direcção da BnF cedeu aos investigadores fotografias digitais de alta qualidade com resolução de 300dpi, recentemente disponibilizadas universalmente (com resolução de 72dpi) no repositório digital *gallica: bibliothèque numérique* (<http://gallica.bnf.fr>), em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60004002>.

de correcção de um erro de leitura comum a toda a tradição editorial do *Leal Conselheiro*. Reservo para outra ocasião a análise paleográfica aprofundada do manuscrito.

I. Em torno das descrições do códice BnF, Portugais 5

A informação sobre aspectos materiais do códice Portugais 5 oferecida pelos dois primeiros editores do manuscrito é muito escassa, como seria de esperar em obras publicadas em meados do século XIX. A noção de que cada códice é um artefacto cultural que pode e deve ser objecto de análise dedicada e específica, por meio da qual se podem conseguir dados cruciais para a história das condições de produção do manuscrito e dos textos que transmite, adquiriu bases científicas sólidas apenas na segunda metade do século passado. A Codicologia, enquanto disciplina autónoma, tem metodologia e historiografia bem definidas só desde os anos 70. Até então, a descrição de um códice baseava-se frequentemente no tipo de informação contida nas fichas bibliográficas. Não é de estranhar, pois, que nas edições de textos de grande importância histórica e literária publicadas antes dessa década, a atenção prestada aos aspectos materiais dos códices seja escassa e limitada a alguns pontos básicos, como a natureza do suporte, o tipo de escrita, o número de fólios e, se presente, a decoração, este usualmente o aspecto mais saliente e imediato. Na verdade, é ainda assim que o Portugais 5 é descrito na ficha de catalogação da BnF fornecida no repositório digital *gallica*: «Vélin. - 128 feuillets. - Lettres ornées ; encadrements. - 405 × 282 mm».

No entanto, o que se nota da consulta das edições de 1842 e 1843⁵ das obras transmitidas no Portugais 5 é que as informações são, não apenas escassas, mas praticamente idênticas, e nenhuma é da autoria de qualquer dos editores ou prefaciador.

A edição Rollandiana, sem introdução, antecede a edição diplomática das duas obras de D. Duarte apenas com uma “NOTICIA DO MANUSCRITO extrahida dos Annaes das Sciencias, das Artes e das Lettras, Tomo 8.º e 9.º.”⁶ Como nota Maria Helena Lopes de Castro (1995, 111, n. 11), “torna-se evidente que esta Notícia foi elaborada com base nos artigos de Cândido José Xavier publicados nos referidos tomos, de 1820, respectivamente nas pp. 4-35 e 99-121.”⁷ Cândido José Xavier⁸ publicou a descrição

⁵ Quase em simultâneo foram publicadas a edição do *Leal Conselheiro* e do *Livro da Ensinança* por José Ignacio Roquete (que tem no rosto a data de 1842 e, na “Introdução” e no “Prologo do Editor”, a de 1843) e outra, sem nome do responsável mas atribuída a Francisco António de Campos, Barão de Foz-Côa –esta vulgarmente designada por edição Rollandiana, do nome do impressor (Castro 1998, XXI). Léon Bourdon (16-19) expôs as circunstâncias rodearam a publicação das duas edições e que levaram a que a publicação da de Roquete tivesse sido antecipada para anteceder a da Typographia Rollandiana, e cita (18) uma carta assinada e publicada (em 1846) por José Ignacio Roquete na qual este explica que a legislação então em vigor proibia a entrada em Portugal de impressões portuguesas feitas no estrangeiro que contivessem obras já publicadas no reino.

⁶ Cf. no Apêndice I os excertos relevantes destas e das demais descrições adiante mencionadas.

⁷ Corrija-se para “pp. 3-35 e 92-127”.

do manuscrito –e só esta faceta do seu trabalho será aqui tratada– no primeiro artigo, dedicado ao *Leal Conselheiro* (Xavier 1820a, 8-10; *vd.* Apêndice I, 1), fazendo-lhe apenas uma breve remissão no artigo sobre o *Livro da Ensinança* (1820b, 92): “A ideia geral, que já démos, da parte material d’aquelle Codice, nos dispensa de fallarmos aqui d’ella; limitar-nos-hemos, em consequencia, a produzir agora sómente os signaes caracteristicos e particulares do manuscrito, de que nos occupamos.”. A edição Rollandiana reproduz na íntegra (*cf.* Apêndice I, 3) a descrição de Cândido Xavier, com diferenças ortográficas (“escriptores” em vez de “escriptores”, “letra” por “letra”, etc.) e reformulação do parágrafo que antecede a descrição, inserindo uma menção a João Franco Barreto, ausente do texto original neste passo.

Os pontos focados são: cota, n.º de volumes e formato (“hum volume em folio grande”), natureza do suporte, tipo de letra (“gothico”), número de fólhos e páginas, número de colunas da caixa de texto, encadernação, tradição (“evidentemente uma copia”), qualidade da cópia e da revisão, estado (“perfeitamente conservado”) e presença de iniciais decoradas. A “Noticia” da edição Rollandiana, muito resumida, não inclui a discriminação das unidades textuais das obras e respectiva distribuição ao longo dos fólhos numerados que Cândido Xavier fornece.

A edição de José Ignacio Roquete é precedida de uma longa “Introdução” da pena do Visconde de Santarém, onde se reconhece a descrição de Cândido José Xavier (*cf.* Apêndice I, 2), com poucas alterações mas mais acentuadas que as da edição Rollandiana. Por exemplo, onde C. Xavier escreveu “hum volume em folio grande, escripto em pergaminho”, ou “A letra capital, ou a inicial de cada capitulo, he cuidadosamente desenhada com tintas de diversas côres, e estes desenhos enriquecidos muitas vezes com ouro”, lê-se aqui “um volume de folio magno, escripto em optimo pergaminho” e “As letras capitaes, ou iniciaes em principio de cada capitulo, são admiravelmente desenhadas, e illuminadas com primorosas cores, muitas vezes recamadas d’ouro”. Acrescem a estas paráfrases algumas (poucas) considerações que serão, de facto, da autoria do Visconde de Santarém, como se percebe da comparação entre os dois trechos seguintes, o primeiro de C. Xavier, o segundo do Visconde (negritos meus): “O manuscrito que elle contém é evidentemente uma copia, porêem feita com a maior perfeição e luxo, que pode desejar-se, e conferida com o maior escrupulo” e “Este manuscrito é uma copia, **mas em nosso entender** a copia authentica que o illustre Autor mandou tirar debaixo das suas vistas, e **talvez a mesma que dedicou á Rainha Dona Leonor sua esposa**; tanto mais que é feita com a maior perfeição e luxo, vendo-se que fôra conferida com o maior escrupulo” (a menção à ‘cópia autêntica’, tirada ‘debaixo das vistas’ do ‘ilustre Autor’ também se lê em Xavier (1820a, 12)).

Joseph M. Piel, autor das primeiras edições críticas do *Leal Conselheiro* (1942) e do *Livro da Ensinança* (1944), terá pressuposto que a descrição conhecida do códice se devia ao Visconde de Santarém. Ao rebater uma opinião acerca da qualidade de

⁸ De seu nome completo, Cândido José Xavier Dias da Silva.

execução do manuscrito, afirmou (1942a, XXI): “O próprio códice está, aliás, longe de ser tão cuidado como o pretende o Visconde de Santarém, quando diz ser feito «com a maior perfeição e luxo, vendo-se que fôra conferido com o maior escrúpulo...». O que verificámos é precisamente o contrário”. É claro, pelos dois últimos trechos citados, que esta pretensão é, na origem, de Cândido Xavier. A ideia veiculada por Piel encontra-se também em Maria Helena Lopes de Castro, a mais recente editora da obra, que escreve (1995, 113): “Por fim, o erudito Visconde faz, na p. XIV, uma análise do códice:” e transcreve de seguida alguns parágrafos da “Introdução”, em tudo idênticos aos de Cândido Xavier. A atribuição da descrição a Santarém colide com a informação contida noutra citação (de 1821) do mesmo autor, que Castro também transmite (1995, 112, n. 25), na qual aquele declara não ter incluído a descrição do códice na segunda parte da sua “Noticia dos Manuscriptos pertencentes ao Direito Publico...”⁹ por ter sido já realizada e publicada por outrem:

Codice 7007¹⁰

Este Codice contém o *Leal Conselheiro*, e o livro da *Ensinança de bem cavalgar*, que compoz o Senhor Rei D. Duarte. A brilhante, e erudita analyse que o Senhor Candido Xavier publicou da preciosidade d’este Codice, nos Tomos VIII e IX dos Annaes das Sciencias, &c., me dispensa de tratar d’elle.¹¹

É certo que o Visconde de Santarém não refere Cândido José Xavier na “Introdução” senão de forma velada (1842, VIII): “só se soube pela primeira vez onde paravão [as obras de D. Duarte] pela erudita noticia, que d’ellas deo em 1820 um dos benemeritos redactores dos Annaes das Sciencias, e pela que nós mesmos apontámos em a nossa noticia dos Mss. portuguezes da Bibliotheca Real de Pariz pelo mesmo tempo inserta nos ditos Annaes.”, nem explicita a origem da descrição que apresenta. Mas o uso do texto alheio é tanto mais óbvio se atendermos à forma como incorpora a referência ao nome “D. Eduardus” que, segundo Xavier, encerraria o *Livro da Ensinança* (a leitura correcta é “DEO GRACIAS”, como se pode comprovar na *figura 1*).

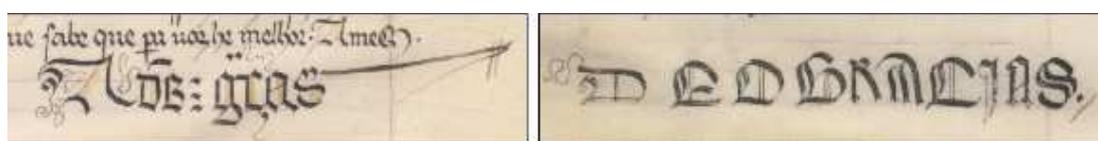


figura 1 - fim da cópia do *LC*, fl. 96r, e do *LdE*, fl. 128r (Bnf, Portugais 5).

⁹ Santarém, Visconde de. “Noticia dos Manuscriptos pertencentes ao Direito Publico Externo Diplomatico de Portugal e á Historia e Litteratura do mesmo paiz que existem na Bibliotheca Real de Paris e outras da mesma capital, e nos archivros de França”. *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* t. XV, 2.^a parte (1821): 5-36.

¹⁰ A cota anterior do Portugais 5 na BnF era *Ancien Fonds*, n.º 7007.

¹¹ Santarém (1821, 20-21); cito a partir da edição monográfica publicada em 1827 pela Academia Real das Ciências, pp. 48-49.

Cândido José Xavier escrevera, no t. 8.º dos *Annaes* (1820a, 12):

O Tratado do Leal Conselheiro acaba pelas palavras –A Deos Graças–, mas no fim do Livro da Ensinança, o qual, segundo se vê do que acima dissemos, termina completamente o Codice, não ha, nem aquellas, nem outras palavras semelhantes, como era uso naquelles tempos, nem a palavra *fim*; mas sim –D. EDUARDUS–, o que, a pezar de não ser assignatura autographa, porque este nome se acha escripto em capitaes gothicas e illuminadas, comtudo, esta circumstancia, junta ás mais acima referidas, nos parece dar á copia que examinamos o character de ter sido feita talvez debaixo dos olhos do illustre autor, ou collacionada com o original.

e novamente (1820b, 93), no t. 9.º (referindo-se ao *Livro da Ensinança*):

O Livro acaba do modo seguinte: «Das que correm ho mato saltando sobre as mãos carregadas diante e que carreguem sobre os freos, e das fracas dos braços, de logares de couas de coelhos e muito molhadas charnecas mais se guardem» D. EDUARDUS.»

Na edição Rollandiana, o *Leal Conselheiro* termina com “Adeos graças” ([Campos] 1843b, I, 329)¹² e o *Livro da Ensinança* com “Deo gracias” ([Campos] 1843b, II, 118) mas, espantosamente, lê-se na p. 336, após a transcrição da *Tauoa* do *LC* e antes do início da edição do *LdE*: “Acaba o Manuscripto no meio da 1.ª columna da pag. 128, com a palavra / D. EDUARDUS.” É como se o editor, não podendo confirmar a exactidão da informação colhida nos *Annaes*, não conseguisse todavia abdicar de a transmitir, pela magnitude das suas implicações.

A edição de Roquete dá-nos –bem– “A Deos graças.” no fim do *LC* (493) e “Deo gracias.” no do *LdE* (650) mas, apesar disso, declara o Visconde de Santarém na “Introducção” que o nome do monarca aparece a encerrar o *Leal Conselheiro* (e não o *Livro da Ensinança*) e usa este ‘facto’ para sustentar a sua convicção de se tratar do manuscrito oferecido pelo rei à rainha D. Leonor:

Convencidos como estamos de que o Codice, de que se trata, é o mesmo exemplar que ElRei Dom Duarte déra á Rainha Dona Leonor sua mulher, pois até no fim do Leal Conselheiro, se lê: D. EDUARDUS, que posto não seja a assignatura autographa, por ser escripto em capitaes gothicas e illuminadas, com tudo por esta circumstancia, junta ás que acima

¹² Na edição Rollandiana, em um volume, as obras têm paginação independente; uso aqui I e II para referir os textos do *Leal Conselheiro* e do *Livro da Ensinança*, respectivamente.

referimos, nos parece não poder duvidar-se de que fôra mui provavelmente esta copia feita debaixo das vistas do seu grande autor, e collacionada com o original.¹³

Fica-se com a sensação de que Santarém conhecia mal quer o códice quer os textos da edição que prefaciou. Em resumo, além dos trechos acima destacados a negrito, de observações sobre a qualidade das iluminuras e de uma conjectura, já devidamente realçada por Castro (1995, 113-14) sobre a proveniência e parte do itinerário do códice, o texto assinado pelo Visconde de Santarém não fornece informações de interesse codicológico sobre o manuscrito que não estivessem já no primeiro artigo de Cândido José Xavier.

Joseph M. Piel não teve a fortuna de poder examinar directamente o manuscrito, ao qual se referiu apenas na introdução à edição do *Leal Conselheiro*: “Não sendo possível nas circunstâncias actuais examinar o original, tivemos de recorrer na elaboração da presente edição a uma fotocópia.” (1942a, xx). Paris estava, desde 1940, sob ocupação alemã. Recorreu, assim, à descrição do códice publicada por John M. Burnam no 3.º fascículo da *Palaeographia Iberica*¹⁴ (vd. Apêndice I, 4). Sobre a obra de Burnam¹⁵ escreveu o paleógrafo francês Maurice Prou em 1913 (423a):

Chaque fac-simile est accompagné d'une notice, d'une analyse de l'écriture et d'une transcription. Les notices sont trop riches en renseignements inutiles, ou qui, du moins, seraient mieux à leur place dans un catalogue de bibliothèque, comme les renseignements sur l'état des relieures dont on note jusqu'aux piqûres de vers. On préférerait que l'auteur insistât sur la date des manuscrits et sur la nature même du texte transcrit; il se borne très souvent à renvoyer le lecteur à des livres qu'il ne lui sera pas toujours facile de se procurer.

A observação traduz claramente o interesse superlativo dos paleógrafos tradicionais pelas características exteriores da escrita e pelos dados textuais que permitiam datá-la, em detrimento das características dos suportes físicos, meros veículos que tinham permitido a sua sobrevivência. Mas a descrição de Burnam dá-nos, entre outros “renseignements inutiles”, uma noção, ainda que vaga ou errada, da estrutura dos cadernos (“généralement de huit ff, mais quelquefois de deux ou de

¹³ Santarém (1842, xv), negritos meus.

¹⁴ John M. Burnam, *Palaeographia Iberica. Fac-similés de manuscrits espagnols et portugais (IX^e-XV^e siècles), avec notices et transcriptions*. Paris, Honoré Champion, 1925. III, 221, n.º LIX.

¹⁵ John Miller Burnam (1864-1921) foi professor de Latim no Departamento de Clássicas da Universidade de Cincinnati, onde foi mais tarde criada a cátedra The John Miller Burnam Professor of Latin and Romance Palaeography; classicista, paleógrafo entusiasta e, sobretudo, grande conhecedor dos fundos medievais das bibliotecas e arquivos europeus, a sua biblioteca de mais de 5000 livros, muitos deles obras raras de Paleografia, constitui o núcleo primitivo da actual John Miller Burnam Classical Library, da mesma universidade.

dix”), a indicação da presença de reclusos (“fournis de réclames, sauf le deuxième”) e do processo de regramento das linhas de texto (“à la mine de plomb”).¹⁶

Não é, portanto, surpreendente, que apenas na edição do *Leal Conselheiro* da responsabilidade de Maria Helena Lopes de Castro (de 1998) se encontre uma descrição codicológica do Português 5 mais detalhada e informativa (vd. Apêndice I, 5). Todavia, mesmo esta, apoiada em consulta directa do manuscrito (repetidamente, entre 1973 e 1976 (Castro 1995, 116)), fornece alguns elementos passíveis de correcção que apontarei de seguida, com eventuais referências às duas únicas descrições originais anteriores, as de Xavier e de Burnam.

1. número de fólhos, encadernação e estrutura dos cadernos e do códice

As três descrições do códice informam unanimemente que tem 128 fólhos. Xavier e Burnam acrescentam que há mais três em branco, no fim (= 131); Castro dá-nos ainda o número de fólhos de cada caderno: $2+10+(8\times 14)+6+4$; o resultado é 134 fólhos distribuídos por 18 cadernos. Na realidade, o códice tem 135 fólhos e 19 cadernos. 128 é o número de fólhos numerados em algarismos, foliotação que percorre 17 cadernos do manuscrito sem acidentes nem interrupções desde o início da *Tauoa* até ao final do *Livro da Ensinança* e, em bom rigor, os dois cadernos extremos restantes fazem parte da encadernação.

Cabe fazer aqui uma pequena nota sobre a actual encadernação do códice, “em marroquim encarnado com as armas de França” (Xavier 1820a, 9). Como reparou Castro (1998a, XIX), esta encadernação provocou a diminuição das dimensões originais dos fólhos. No inventário da biblioteca real de França, redigido em 1544 aquando da transferência dos livros para o Castelo de Fontainebleau –o primeiro que atesta a presença do manuscrito naquele país– o códice é descrito como estando “couvert de cuir vert”.¹⁷ Na ausência de outras menções à encadernação em inventários posteriores (vd. Bourbon, 7-8; Castro 1995, 118ss), concluo apenas que a encadernação que substituiu a original em couro verde foi feita em França por um dos encadernadores que serviam a Corte régia e em data posterior a 1544.¹⁸ A integração no corpo do volume dos actuais cadernos 1 e 19, em branco, sem regramento e de um pergaminho ligeiramente mais claro que o dos restantes, terá certamente ocorrido aquando desta última encadernação. Formando os fólhos de guarda do volume, têm, respectivamente, o primeiro e o último fólho colado aos contra-planos (as faces internas dos planos da encadernação) –são as contra-guardas– e mais 3 fólhos ou

¹⁶ O resto da descrição, tal como se lê *apud* Piel (1942a), versa sobre aspectos paleográficos, de que não me ocuparei aqui.

¹⁷ “II. Inventaire de la librairie royale de Blois, lors de son transfert au château de Fontainebleau en 1544”. in Henri Omont. *Anciens inventaires et catalogues de la Bibliothèque nationale*. Tome 1, *La Librairie Royale à Blois, Fontainebleau et Paris au XVI^e siècle*. Paris: E. Leroux, 1908. 250, *apud* Castro (1995, 118 e 1998a, XVIII, n. 9).

¹⁸ A descrição mais adequada da encadernação fica pendente até consulta directa do códice.

‘guardas volantes’. Não sendo as imagens facultadas esclarecedoras, a composição destes dois cadernos, tal como vai reconstituída na representação gráfica da estrutura codicológica do Portugais 5 (Apêndice II), é apenas hipotética. Não estou certa de que as guardas volantes exteriores (3.º fl. do cad. 1 e 1.º fl. do cad. 19) sejam solidárias com as contra-guardas respectivas (*i.e.* que emparelhem no mesmo bifólio). Parece fora de dúvida a sua autonomia em relação aos demais cadernos.

Burnam e Castro referem a existência de um caderno de 10 fólhos, que Castro (1998a, XIX) diz ser o segundo: “o primeiro é formado por 2 fólhos, o segundo por 10, os 14 seguintes por 8 fólhos cada, o décimo sétimo por 6 fólhos e, finalmente, o décimo oitavo por 4. O texto do *Leal Conselheiro* preenche os 13 primeiros cadernos e corresponde aos fólhos 2¹⁹ a 96”. Tendo ficado dito que os cadernos das extremidades têm ambos 3 fólhos, resta esclarecer que não há sinais de algum caderno com 10 fólhos. A partir deste momento será necessário suprimir de considerações futuras não só estes 6 fólhos de guarda mas também os dois cadernos a que pertencem. Por um lado, porque não integrariam o corpo de cadernos primitivo; por outro, porque segundo Castro, o *Leal Conselheiro* ocupa os treze primeiros cadernos do códice e o *Livro da Ensino* os quatro restantes; ora, aceitando-se a primeira razão, torna-se claro que esta seria a distribuição original das obras ao longo do códice. Convenhamos assim em que, embora o Portugais 5 tenha 19 cadernos, para efeitos da análise subsequente tem 17.

Retomando agora a contagem dos fólhos, verifica-se que, com a subtracção dos 6 fólhos de guarda aos 135 que referi atrás, ainda sobra um fólho para se chegar ao número de fólhos numerados, que é 128. Este fólho, não numerado, é o primeiro fólho do primeiro caderno e seria o fólho de guarda original.

O caderno 1, cuja estrutura se mostra na *figura 2*, será um bínio incompleto, formado por 1 bifólio e um fólho isolado. A numeração dos fólhos que se vê na imagem segue a do códice, pelo que atribuí ao primeiro fólho do caderno, não numerado por estar em branco, o número 0.

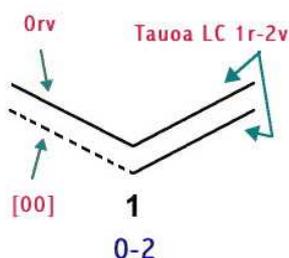


figura 2 - estrutura do caderno 1.

¹⁹ Certamente, um lapso tipográfico: o LC (mais precisamente, a *Tauoa*) começa no fl. 2 do primeiro caderno (*cf. infra*), marcado com o algarismo “1”; termina, de facto, no fl. 96.

A solidariedade material do bifólio central 0/1 é clara: a *figura 3* mostra o festo do bifólio na margem de cabeceira, onde se nota a continuação da pele apesar da depressão provocada pela dobra. O fl. 0 foi preparado para receber escrita em ambas as faces, e a sua justificação e regramento obedecem ao mesmo modelo e processo seguido, quer no fl. 1, quer no resto do códice.

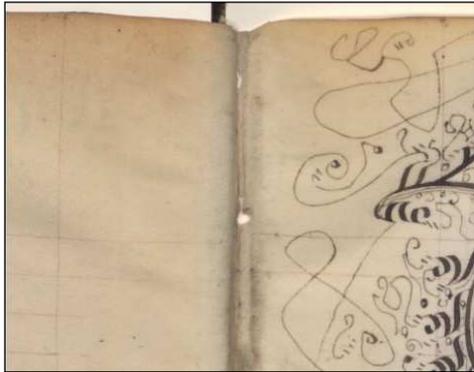


figura 3 - festo do bifólio 0/1, margem de cabeceira.



figura 4 - fl. 2v, margem de dorso: zona de cabeça; zona mediana, por altura do 2.º nervo; zona de pé.

É provável que o caderno tenha sido primitivamente um bínio regular de cujo bifólio exterior foi, em momento posterior à encadernação, removido o primeiro fólio –o n.º [00]. O fl. 2 está cosido juntamente com o bifólio 0/1 (sendo visível o fio de cosedura na dobra do bifólio central entre o 2.º e o 5.º orifícios de passagem do fio). Removido o fólio [00], não foi deixado um talão no seu lugar para garantir a solidez do conjunto. Provavelmente por esse motivo, o fl. 2, do qual o fl. [00] seria solidário, está solto da costura nas zonas de cabeceira e pé, mas mantém-se seguro na zona mediana. A encadernação actual tem cinco nervos; o fl. 2 está ainda preso a quatro deles mas não tem contra-fólio que impeça as extremidades superior e inferior do corte de dorso de se soltarem. A *figura 4* mostra pormenores das três secções do verso do fl. 2 que revelam tanto a sua independência como a precariedade actual da ligação à costura.

O cad. 1 contém apenas a *Tauoa* do *Leal Conselheiro*. Retomarei este tema no ponto seguinte. Os restantes cadernos do códice são regulares: os cad. 2 a 16 são quaternos, o cad. 17 é um terno. No Apêndice II encontra-se uma representação em espinha da estrutura dos cadernos, numerados de 1 a 17, a azul a correspondência com a actual numeração sequencial dos fólhos e a vermelho os fólhos onde começam e acabam as unidades textuais principais.²⁰

²⁰ Ficam pendentes, pelos motivos expostos, a descrição da composição dos cadernos (detecção de eventuais bifólios compósitos), a apreciação da maleabilidade e espessura do pergaminho e a verificação da Regra de Gregory. Num códice com pergaminho de qualidade inferior seria possível

2. numeração dos fólhos

O códice tem duas séries de foliação, uma, a primitiva, em letras numerais romanas e outra, mais recente, em algarismos (os “caracteres arabigos” da descrição de Xavier). Todas as descrições informam sobre a presença da foliação em algarismos que percorre os 128 fls. do corpo do volume. Xavier (1820a, 11) e Castro (1988a, XIX) referem também a foliação primitiva em numerais romanos, mutilada aquando da última encadernação, e notam que a foliação em algarismos é a mais recente e que foi realizada após esta intervenção. Ainda segundo Castro, a segunda série foi feita “pela mesma mão que atribuiu uma das cotas antigas, 378.”

Se a precedência das séries numéricas é inquestionável, o mesmo não se pode afirmar quanto à identidade da mão responsável pela segunda. A dimensão dos algarismos na cota é significativamente maior que a dos da foliação –esse poderia ser o motivo pelo qual se notam, pelo menos no desenho dos ‘3’, ligeiras diferenças no confronto entre as respectivas figuras (cf. na *figura 5a*, a cota 378 e o diminuto algarismo ‘1’ junto ao corte de cabeça, sobre o ornamento, e em *5b* as dimensões relativas dos ‘3’ duplicados²¹ no fl. 3r). De resto, as formas dos ‘7’ e dos ‘8’ estavam já estabilizadas no século XVI e isso explica que também não se detectem diferenças assinaláveis entre os algarismos da cota 378 e os da 2.ª foliação (cf. *figura 5a* e *5c*).

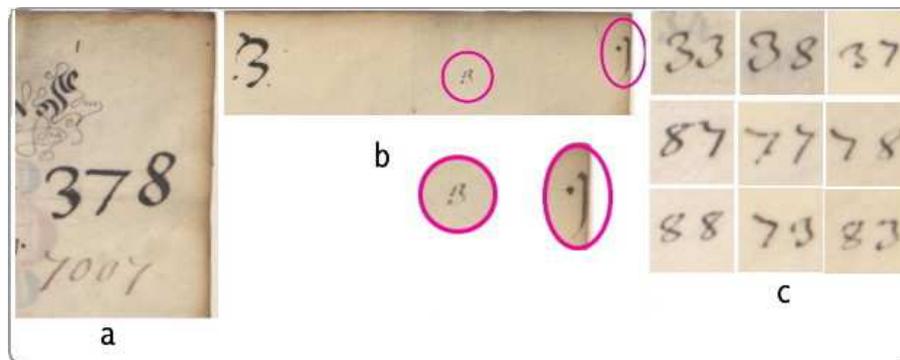


figura 5 - cotas e foliação do Português 5: a) cotas antigas e 2.ª foliação, fl. 1r; b) n.º de fólho isolado, 2.ª foliação e foliação primitiva, fl. 3r; c) algarismos ‘3’, ‘7’ e ‘8’ na 2.ª foliação (aumentados).

distinguir, a partir das imagens, as faces pêlo e carne, somente pela diferença de tonalidade ou por vestígios da implantação dos folículos, por exemplo. As imagens disponíveis não permitem fazer esta distinção.

²¹ O fl. 3r, em que se inicia o Prólogo do *Leal Conselheiro*, foi numerado três vezes: primeiro, pelo responsável pela foliação primitiva, que lhe atribuiu o n.º 1 no sistema numeral romano (.j.); depois, a mesma mão que escreveu a cota 378 numerou o fólho com o algarismo 3 de grandes dimensões, ladeado por dois pontos; por fim, o responsável pela 2.ª foliação numerou-o novamente.

Uma solução possível seria comparar esta cota com marcas catalográficas semelhantes que se encontram em outros manuscritos da BnF, que podem ser atribuídas ao mesmo responsável e que incluem algarismos cujas formas tiveram uma evolução (paleo)gráfica mais variada. A tarefa foi muito facilitada com a criação e disponibilização *on-line* do projecto *Europeana Regia*,²² que se propõe reconstituir virtualmente três bibliotecas régias europeias, entre as quais a biblioteca de Carlos V e da sua família e a biblioteca dos reis aragoneses de Nápoles. Alguns manuscritos de ambas as colecções integraram, em momentos distintos mas, em determinada altura, em simultâneo, a biblioteca régia francesa, destino partilhado também pelo códice Portugais 5 (Castro 1995, 115 *passim*), pelo que algumas das cotas que ostentam se podem atribuir às mesmas instâncias de inventariação e catalogação.

Interessa, para o caso, chamar a atenção para a cota que mais se destaca, pelo tamanho e pela espessura dos traços, e para os algarismos ‘2’ e ‘5’. Na *figura 6* podem observar-se alguns exemplos extraídos de códices que pertenceram, antes de integrarem a mesma instituição, à biblioteca dos reis de Nápoles (2-5) e à de Carlos V (6-9). Note-se, em primeiro lugar, a semelhança entre estas cotas e a do Portugais 5, na *figura 5a*.



figura 6 - cotas em ms. da BnF e 2.^a foliotação do Portugais 5: 1. Portugais 5: algarismos ‘2’ e ‘5’ na 2.^a foliotação (aumentados); 2. Italien 535, fl. 1r; 3. Latin 2082, fl. 1r; 4. Latin 4476, fl. 1r; 5. Italien 1035, fl. 1r; 6. Français 167, fl. 1r; 7. Français 174, fl. 1r; 8. Français 810, fl. 3r; 9. Français 793, fl. 1r.

Em segundo lugar, note-se a forma dos algarismos ‘2’ e ‘5’ nas cotas relevantes dos mss. em 2, 4, 6, 7 e 8 e compare-se com a forma dos mesmos algarismos da foliotação do Portugais 5, enquadrados ao centro da imagem. Os ‘2’ da foliotação têm

²² *Europeana Regia*, a digital collaborative library of royal manuscripts: <http://www.europeanaregia.eu/>.

uma base estreita e, na sua maioria, curva; os das cotas têm base larga e horizontal. Os '5' têm um primeiro traço oblíquo a que se liga em ângulo agudo um traço curvo quase em espiral, e um terceiro traço oblíquo à direita da parte superior do primeiro; os das cotas são formados por um traço sinuoso em curva e contra-curva, com um pequeno traço horizontal à direita do topo. As diferenças entre os dois grupos parecem-me tão nítidas que creio ser de rejeitar a hipótese avançada por Maria Helena Lopes de Castro quanto à atribuição à mesma mão da escrita da cota 378 e da 2.^a foliação no Portugais 5.

Quanto à foliação primitiva, Castro (1998a, XIX) realçou a correspondência entre esta e a numeração dos capítulos na *Tauoa*: “A foliação original corresponde exactamente à Távoa inicial”; mas, porque a sua descrição incidiu sobretudo sobre a parte do códice com o texto do *LC*, que editava, só em Cândido Xavier (1820a, 11) se encontra assinalado que a foliação primitiva apenas abarca os 98 fólhos dos cadernos que encerram o texto do *Leal Conselheiro*:

Estas 98 folhas forão todas numeradas com caracteres romanos, na mesma fôrma gothica, e com a mesma tinta do manuscrito; (...) No recto da folha 99 começa com o mesmo luxo e perfeição a copia do livro da Ensinança de bem cavalgar. o qual occupa até ao meio da primeira columna da folha 128: estas 30 folhas são todas numeradas com caracteres arabigos e com tinta diversa da do texto, e não tem signal, como as outras, de terem sido nunca numeradas em gothico.

Na foliação primitiva as letras numerais estão sempre ladeadas por dois pontos; os números foram inscritos no canto superior direito do fólho, junto aos cortes de cabeça e goteira. A maioria foi totalmente eliminada ou severamente mutilada. Só permanece intacta a numeração dos fls. 17 e 47 e, à dos fls. 3, 18, 46, 62, 67, 71 e 87, falta somente o ponto da direita. Os números estão todos ligeiramente tortos em relação à esquadria da justificação e dos cortes: os traços verticais inclinados para a direita e a linha de base imaginária descendo de forma acentuada sugerem que a foliação foi realizada após a cópia do texto (*cf.* 2.^a coluna da *figura 7*), presumivelmente sobre cadernos já montados (embora ainda não encadernados). Esta série também não tem lapsos de sequência. A foliação primitiva deve-se a quem elaborou a *Tauoa* do cad. 1: usou, na numeração dos fólhos do *Leal Conselheiro*, a mesma pena de aparo largo empregue no título da *Tauoa*, na invocação “ihesu M^a” inscrita na margem de cabeceira sobre a 2.^a coluna de texto, na menção ao Prólogo (fl. 1r) e nas entradas da lista de capítulos (fls. 1-3r). Nos títulos dos capítulos e nas remissões para os fólhos onde começam usou uma pena de aparo mais estreito. Apesar da diferença de tamanho, a configuração externa dos números da foliação e das remissões é idêntica, ou seja, a mudança de instrumento de escrita e a redução do tamanho dos traços não teve influência na forma como o copista traçou as letras numerais nem nas proporções relativas dos caracteres.

Há diferenças, sim, na forma das letras numerais que indicam os números dos capítulos na *Tauoa* mas estas não se devem a mudança de instrumento, que não houve, nem à escolha de um modelo gráfico diverso, mas a uma adaptação do mesmo modelo formal a critérios de escrita particulares. O copista aumentou os caracteres das entradas (Cap.º xxxxiijº, p. ex.) alongando-os de modo a que o corpo das letras minúsculas preenchesse todo o espaço interlinear, sem os alargar proporcionalmente (o que diminuiria muito o espaço livre para escrever os títulos). Esta opção consciente distorceu o aspecto exterior dos caracteres mas não traduz alteração do modelo nem da feitura. A *figura 7* permite comparar as dimensões relativas, formas e espessura de traços dos numerais da foliação primitiva, das remissões e das enumerações de capítulos na *Tauoa*.

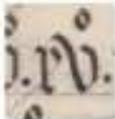
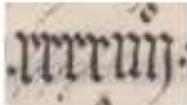
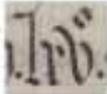
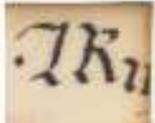
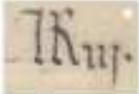
fólio	foliação	remissão	n.º de capítulo
fl. 17 .xv.			
fl. 41 .Riiij.			
fl. 63 .Lxv.			
fl. 91 .LRiiij.			

figura 7 - letras numerais na foliação, nas remissões da *Tauoa* e na enumeração de capítulos.

Das observações anteriores conclui-se que, das duas obras do códice, apenas o *Leal Conselheiro* foi preparado para receber uma tábua de conteúdos, dado que não foi aposta a foliação necessária nos cadernos que contêm o *Livro da Ensinança*. A foliação foi realizada após a cópia do *LC* e a numeração transposta para os locais adequados na *Tauoa*.

O facto de a *Tauoa* ter sido escrita num caderno à parte, com uma estrutura diferente da do resto do manuscrito, sugere fortemente que foi igualmente feito depois

de terminada a cópia da obra e só então adicionado ao corpo de cadernos.²³ É uma unidade autónoma. A ausência de reclamo no último fólio da *Tauoa* (já notada por Castro) reforça esta ideia: por um lado, tendo acabado a cópia, o escriba não teria mais texto que copiar,²⁴ ou seja, não tinha uma sequência textual superveniente para inscrever num potencial reclamo; por outro, ao encadernador não se ofereceriam dúvidas sobre o lugar da *Tauoa* na ordenação dos cadernos –seria o primeiro. Da mesma forma, a imposição da *Tauoa* terá sido planeada de modo a não começar no actual primeiro fólio do caderno, que ficou em branco para proteger (guardar) o conjunto. Pode causar alguma estranheza que não se tenha seguido o procedimento mais usual em códices cujo 1.º fólio do 1.º caderno funcionava como guarda, que consistia em iniciar a cópia do texto apenas no verso do fólio. Uma possível explicação é a de que, se tal tivesse sido feito e a *Tauoa* começasse no verso do fólio que numerei [00] (vd. figura 2, atrás), o actual fl. 2 teria ficado em branco (a *Tauoa* ocupa três páginas e quatro linhas da quarta); se este fosse removido posteriormente (como o foi o fl. [00]), o início da *Tauoa* ficaria num fólio independente, à cabeça do volume e, logo, muito mais sujeito a se soltar da costura e a se perder.

3. *dimensões, reclamos e empaginação*

As dimensões dos fólhos do Portugais 5 que constam da ficha de catalogação da BnF são de 405 × 282 mm. Castro indica 405 × 252 mm, uma diferença de 30 mm na largura que pode dever-se à dificuldade em medir adequadamente a largura de fólhos num códice com encadernação apertada. Perante a impossibilidade de conferir, de momento, qual das medições dadas é correcta, limito-me a apresentá-las, lembrando a informação atrás avançada quanto à redução das dimensões originais.²⁵ A acção de aparar os fólhos aquando da encadernação mais recente parece ter afectado, sobretudo, a margem de goteira, com consequente desaparecimento de parte da foliotação original entre os fls. 3 e 98 e mutilação de prolongamentos marginais da ornamentação de letras da primeira linha de texto nos fls. 11r, 13r e 103r. Das três margens de corte, creio que a de pé terá sido a menos afectada.

Os reclamos, referidos por Burnam e Castro, estão presentes no verso do último fólio de todos os cadernos cujo texto tem continuação no caderno seguinte, ou seja, estão ausentes dos cad. 1 (com a *Tauoa*), 13 (onde termina o *LC*) e 17 (fim do *LdE* e último caderno do códice). Encontram-se situados na margem de pé, centrados sob a segunda coluna de texto e sensivelmente a meio da altura da margem. A configuração

²³ O mesmo procedimento foi identificado por Jacques Lemaire (171) em outros códices: “D’expérience, on constate que le foliotage n’est pas effectué au fil de la copie, mais seulement quand l’ensemble des feuillets est écrit [...]. Parfois, foliotage et table des matières sont exécutées longtemps après la transcription.”

²⁴ “Dans la quasi-totalité des cas, les réclames sont écrites sur les feuillets par le copiste, au fil même de sa transcription” (Lemaire, 174).

²⁵ Pelo mesmo motivo, não se apresentam medidas ou dimensões de outros elementos codicológicos.

dos reclusos parece obedecer ao mesmo modelo por todo o c3dico: uma palavra ou palavras com uma letra realçada a amarelo, ladeadas por um ornamento simples; h3 uma n3tida diferença no uso de ornamentaça3o, nuns casos limitada aos desenhos simples, noutros formando iniciais filigranadas e decorando hastes ascendentes e descendentes (*figura 8*). Ao primeiro grupo pertencem os reclusos dos cads. 2, 3, 4, 5, 14, 15 e 16 –os quatro iniciais do *LC* e todos os do *LdE*–, ao segundo os dos cads. 6 a 12 (do *LC*). Os reclusos dos cads. 9 e 10 n3o t3m ornamentos laterais.

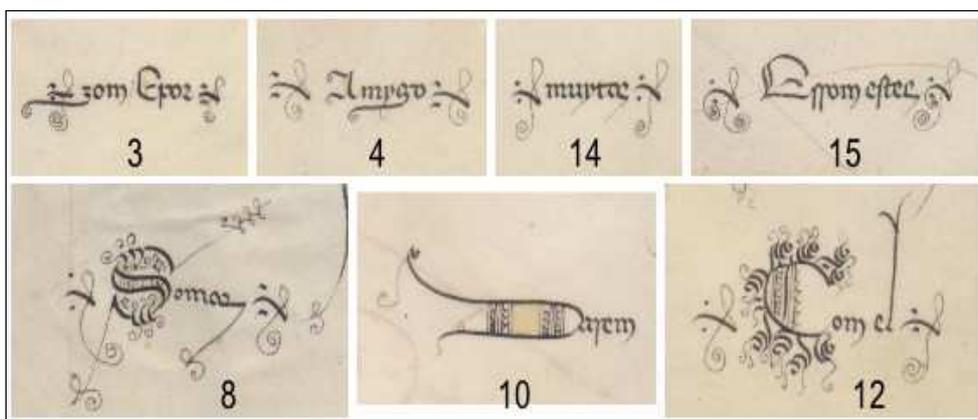


figura 8 - reclusos: cads. 3 e 4, *LC*; cads. 14 e 15, *LdE*; cads. 8, 10 e 12, *LC*.

A mença3o mais completa 3 empaginaça3o do Portugais 5 encontra-se em Castro (1998a, XIX): “A p3gina est3 enregrada a tinta escura, e a duas colunas, cada uma com um n3mero de linhas variando entre 41 e 43, das quais as duas primeiras e as duas 3ltimas abarcam a largura da mancha. A presença de picos 3 observada apenas nos quatro 3ngulos extremos.”

Como fotografias de alta resoluça3o possibilitam uma an3lise de pormenor superior 3 obtida por observaça3o directa, posso acrescentar alguns dados a esta descriça3o.

O c3dico aparenta ter o mesmo modelo de empaginaça3o (*mise-en-page*) em todos os f3lios. As margens s3o amplas, demarcadas por linhas que se estendem a toda a largura e altura do f3lio. A justificaça3o (*figura 9a*) 3 formada por 4 linhas verticais (duas exteriores que enquadram a caixa de texto e duas que marcam o intercol3nio) e 4 linhas horizontais (duas linhas directrizes no topo da caixa de texto e duas na base).

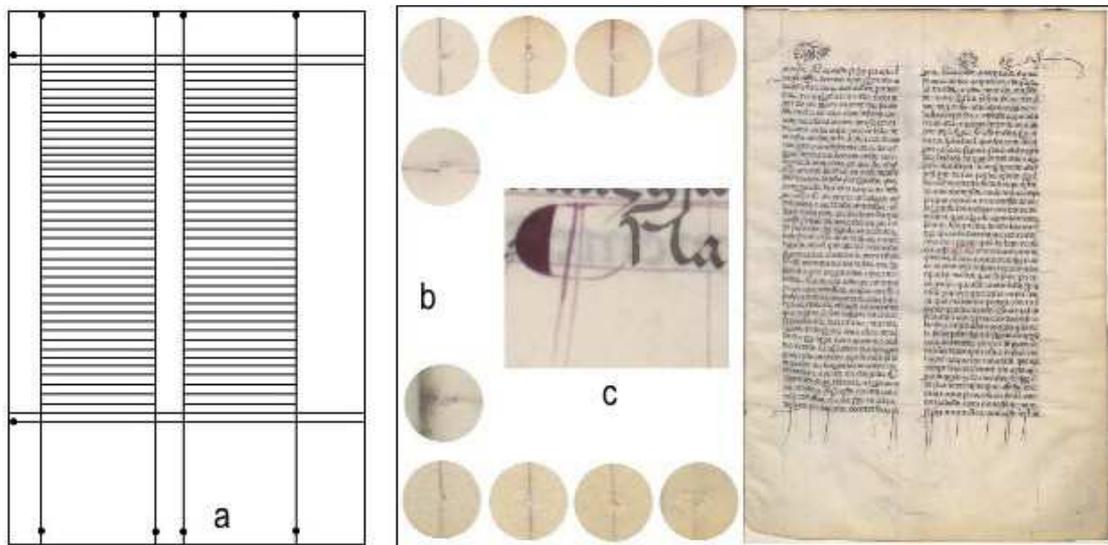


figura 9 - a) esquema do lineamento e picotagem;²⁶ b) piques nas margens de cabeça, dorso e pé, fl. 7r; c) pormenor das linhas de justificação e regramento, fl. 6v.

Os pontos de lançamento das linhas de justificação foram marcados por picotagem, que permanece visível nas margens de cabeça, dorso e pé da maioria dos fólhos (*figura 9b*). Os dois piques da margem de dorso lançam as linhas de cabeça e de pé da caixa de texto. A picotagem correspondente que, verosimilmente, se encontraria na margem de goteira, terá sido removida. Também não se vêem piques a guiar o regramento da caixa de texto, nem parece que se encontrem na dobra dos bifólios – o corpo de cadernos está levemente solto da encadernação e, nas fotografias que mostram as superfícies totais do recto do fl. 0 e do verso do fl. 128 (as faces externas do que terá sido o conjunto codicológico original) não detecto presença de picotagem. Assim, embora ainda não me seja possível confirmar qual o sistema adoptado na execução do lineamento horizontal, parece-me plausível que este tenha sido feito bifólio a bifólio, e que os piques do regramento se encontrassem apenas nas margens de goteira, entretanto fortemente aparadas. As linhas de justificação e regramento foram traçadas com o auxílio de uma régua, a tinta roxa, da mesma cor usada para desenhar metade dos caldeirões do cad. 1 (*figura 9c*).

Encerro este ponto com uma nota motivada por um passo da descrição de Maria Helena Lopes de Castro que talvez pareça sugerir ter havido um momento em que os cadernos ostentaram, além de reclamo, assinatura: “No seu estado actual, os cadernos não apresentam assinatura mas todos eles, com excepção do primeiro, têm *reclame*” (1998a, XIX). A questão não é despicienda porque os dois sistemas de ordenação de cadernos podem coexistir no mesmo código mas a afirmação é incorrecta: sete dos 12

²⁶ O esquema da *figura 9a* foi feito por decalque sobre uma fotografia do fl. 98r, que ficou em branco. Pelo motivo já exposto, as dimensões da justificação não podem ser aqui apresentadas.

cadernos com o texto do *Leal Conselheiro* revelam vestígios da assinatura.

Encontram-se, ao todo, em nove fólhos, todos eles dispostos na primeira metade do caderno respectivo (ou seja, antes do fio de cosedura central). A assinatura encontra-se no canto inferior direito do *recto* dos fólhos (*figura 10*). É visível na íntegra nos fls. 46r (*fiiij*) e 59r (*hj*) e está truncada ou muito mutilada nos fls. 29r, 30r, 43r, 51r, 70r, 83r e 93r.

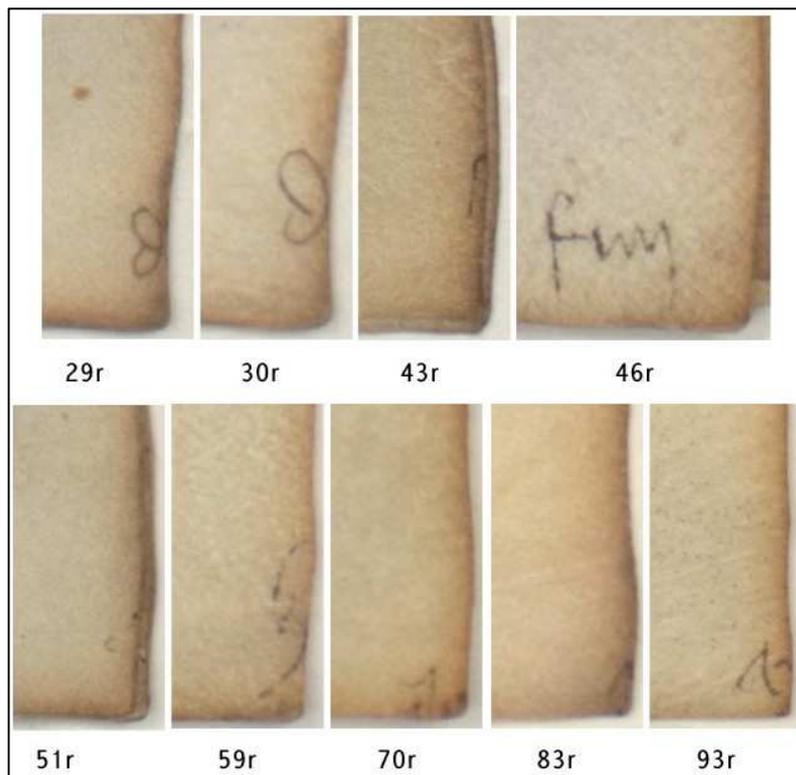


figura 10 - assinatura: vestígios nos cadernos do *Leal Conselheiro*.

Os fragmentos são suficientemente numerosos e informativos para permitir recuperar a forma e a sequência da assinatura. Quanto à forma, um código alfanumérico que combina letras minúsculas com letras numerais romanas assinala e ordena os fólhos da primeira metade de cada caderno. As letras seguem o alfabeto, de *a* a *o*, com exceção de *i*, *j* e *k*: por um lado, no século XV *i* e *j* ainda eram caracteres alógrafos da mesma letra do alfabeto romano (o que excluiria, necessariamente e à partida, um dos dois caracteres) e, por outro, são morfologicamente idênticos à letra numeral I, representada como *i* em posição inicial ou medial numa sequência numérica e como *j* quando surge isolada ou em posição final. Dado que o modelo da assinatura conjuga o primeiro elemento alfabético com numeração romana progressiva de um a quatro (neste caso, porque todos os cadernos são quaternos), se a letra *i* tivesse sido

utilizada, os quatro fólhos iniciais do nono caderno seriam marcados com *j* seguido de, sucessivamente, *j*, *ij*, *ijj* e *ijij*. O potencial de confusão e erro aquando da encadernação seria muito grande. Quanto ao *k*, a letra não fazia parte do repertório alfabético português no século XV.

A sequência da assinatura pode ser vista na tabela abaixo; apresento na segunda célula da primeira fila a tipologia e, nas outras, apenas as letras; na segunda fila a ordem dos cadernos tal como foram sendo copiados e, na linha inferior, a numeração convencional dos cadernos do Portugais 5 que contém o texto do *Leal Conselheiro*.

assinatura	<i>aj-aiij</i>	<i>b</i>	<i>c</i>	<i>d</i>	<i>e</i>	<i>f</i>	<i>g</i>	<i>h</i>	<i>l</i>	<i>m</i>	<i>n</i>	<i>o</i>
ordem da cópia	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º	10.º	11.º	12.º
cadernos do LC	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13

A consulta da representação esquemática da estrutura codicológica do Portugais 5, que constitui o Anexo II, permitirá ao leitor situar os vestígios acima reproduzidos na topografia do códice e confirmar a relação entre a sequência alfabética e a ordenação dos cadernos, bem como, através do número dos fólhos, a relação entre a presença de marcas da assinatura e a primeira metade dos cadernos. Infelizmente, em nenhum dos fólhos dos quatro cadernos que compõem o *Livro da Ensinança* se detectam traços semelhantes. Não é, portanto, possível perceber 1) se teriam recebido assinatura –a pequena extensão da obra, relativamente à do LC, admite resposta negativa, ou 2) tendo recebido assinatura, se esta continuaria a sequência da parte anterior (com as letras *p* a *s*) –o que implicaria uma sucessão temporal de realização da cópia do *LdE* posterior à cópia do LC– ou se apresentaria uma sequência independente.

II. Em torno da decoração do códice

Das descrições do Portugais 5, apenas a de Maria Helena Lopes de Castro procura fornecer informações objectivas sobre a decoração do códice (circunscritas aos 13 cadernos com o LC). A ornamentação do Portugais 5 está intimamente ligada à escrita do texto: todos os elementos decorativos estão associados a, ou configuram, caracteres de escrita (letras e pontuação) ou se integram no espaço da escrita (para encher linhas e decorar reclusas). Por outras palavras, todos os elementos decorativos se inscrevem no âmbito das escritas de aparato, distribuídos hierarquicamente²⁷ em grau decrescente

²⁷ Segundo Patricia Stirnemann e Marc H. Smith (69), a hierarquia gráfica das escritas decorativas ou de destaque –escritas de aparato–, progride em importância de letras *escritas* (em que cada segmento estrutural é um traço simples feito à pena) para letras *deformadas* (também feitas à pena mas com traços duplos e/ou adicionais que as afastam da sua morfologia elementar) até letras *desenhadas* (delimitadas primeiro por um contorno e depois preenchidas com cor uniforme ou motivos decorativos).

de importância por: iniciais capitulares policromadas com ornatos fitomórficos sobre fundo de ouro, iniciais capitulares monocromáticas filigranadas, títulos de capítulos na “escrita comum”²⁸ rubricados a vermelho (passe o pleonasma), uma inicial capitular e várias iniciais menores caligrafadas *en cadelure*, caldeirões coloridos, letras maiúsculas caligrafadas (sobretudo na 1.^a linha de texto), letras maiúsculas simples realçadas a tinta amarela (‘letrinas’), hastes ascendentes e descendentes (de letras da primeira e última linhas de texto, respectivamente) decoradas com *cadeaux* ou espirais e volutas, elementos decorativos anicónicos em fim de linha e ladeando reclamos. A diferença de extensão das obras não tem relação directa com a quantidade e qualidade da decoração dos respectivos textos. O *LdE* tem, por exemplo, maior número de capitulares iluminadas com ouro (nove) do que o *LC* (três) e pouco mais de metade do número de iniciais filigranadas (*LdE* 59, *LC* 102²⁹). Se atendermos ao número de capítulos de cada obra, 66 no *LdE* e 103 no *LC*, percebe-se que, em proporção, o *Livro da Enseñança* está mais ricamente decorado do que o *Leal Conselheiro*. No *LdE* a presença das iniciais policromadas é determinada pela estrutura textual, a qual, segundo Piel (1944, XII), se apresenta da seguinte forma: “Depois dum Prólogo seguem-se duas «partes», que se podem classificar de introdução (...). O prólogo e esta introdução abrangem apenas 12 páginas, constituindo todo o resto do livro a terceira parte, que contém a matéria própria dita, e que, por sua vez, se divide em 7 partes desiguais.” As iniciais policromadas marcam o Prólogo, o início das duas partes introdutórias e o início das últimas seis partes da terceira parte; note-se que esta, contendo a “matéria própria dita”, é assinalada apenas por uma inicial filigranada (fl. 101v). Não se nota no *LC* relação semelhante entre a estrutura da obra e a tipologia decorativa: as iniciais policromadas assinalam somente o Prólogo, o Capítulo 1 e o início do Capítulo 98.

As observações que se seguem incidem apenas marginalmente sobre a decoração do códice Português 5. O estudo das técnicas, materiais, pigmentos, estilos e repertórios decorativos deve, idealmente, ser empreendido por historiadores de arte especializados em iluminura. Mas sendo a decoração uma etapa da elaboração do códice, não existe independentemente deste, isolada na gloriosa beleza das suas formas e cores. Integra-se num projecto codicológico global que a antecede e prevê, do qual permanecem vestígios materiais. Concluído o processo de produção do códice, o resultado da actividade dos artistas responsáveis pela decoração pode também ser analisado na sua articulação com o todo a que pertence e, nesse sentido, fornece dados que ajudam a avaliar a qualidade de execução do produto final e o seu grau de

²⁸ “Écriture commune” (escrita ou letra comum) é o termo empregue por Stirnemann & Smith (69 *passim*) para designar o tipo de escrita/letra usado no corpo do texto de um manuscrito, por oposição a “écriture(s) d’apparat”. Elementos textuais integrados na decoração e escritos na letra comum distinguem-se (paleo)graficamente do texto circundante apenas na cor da tinta usada (normalmente, tinta vermelha).

²⁹ Uma inicial filigranada, no fl. 93v, abre a citação de Cassiano “Ouue que diz o apostollo”, no fim do capítulo 99. Todas as outras são iniciais capitulares.

aproximação ou afastamento da completude projectada. Tratarei, pois, de dois momentos que enquadram a execução da decoração –o antes e o depois– com um desvio prévio para propor uma nova interpretação de uma letra de aparato do manuscrito do *Leal Conselheiro*.

1. “no nosso entendimento” o D não é um D

Todos os editores do texto do *Leal Conselheiro* transmitido no Portugais 5 repetem, com uma excepção (inexplicável), a mesma leitura da letra capitular que abre o texto do Capítulo Primeiro, intitulado “Das partes do nosso entendimento”. Transcrevo as seis primeiras palavras tal como foram publicadas pelos editores cujo trabalho se apoiou na consulta directa do manuscrito (ou de uma reprodução fotográfica deste, como foi o caso de Piel):

Roquete - “E o entendimento nosso, segundo minha declaraçom...” (1842b, 11).

[Campos] - “Do êtendimêto nosso segundo minha declaraçõ...” (1843b, I, 6).

Piel - “Do entendimento nosso, segundo minha declaraçom...” (1942b, 7).

Castro - “Do entendimento nosso, segundo minha declaraçom...” (1998b, 13).

No Portugais 5, o Capítulo Primeiro começa no fl. 4v, coluna A, linha 18 (*figura 11*). A inicial ornamentada que abre o capítulo é de grandes dimensões (ocupa 12 UR e mais de metade da largura da coluna de texto), está pintada em tons de rosa e decorada com folhas e flores em azul, rosa, verde e carmim sobre fundo de ouro (*figura 11a*).



figura 11 - letra capitular do fl. 4v.

A acompanhar a curva interna do corpo da letra e separada dela por um fino traço branco, há uma linha contínua cor-de-laranja, depois uma linha amarela e, por fim, outro fino traço branco, que delimita o centro da iluminura. As linhas contornam todo

o espaço central, mesmo a base e, devido à proximidade cromática entre o rosa da letra e o laranja e amarelo das linhas, podem ser facilmente percebidas como fazendo parte da morfologia da letra. A olhos destreinados a letra pode parecer ser formada por uma haste vertical a cujas extremidades se liga, à direita, um arco completo em semicírculo, à semelhança de um D capital. Será, possivelmente, uma das razões que explicam o erro de interpretação.

A própria formulação do título do capítulo pode ter contribuído para influenciar ou reforçar a leitura. O título, rubricado a vermelho, diz: “Capitollo Pri-|meiro das partes do Noso entendi-|mento.”

‘Das partes **do nosso entendimento**’. Parece fazer sentido que a frase seguinte espelhe o título e comece com “**Do entendimento nosso**, segundo minha declaração...”

A pesquisa de outras letras D nas iniciais do manuscrito, com o objectivo de comparar formas e tipos, revelou um outro D capitular policromado no fl. 110v (*figura 12a*). Abre o Capítulo Primeiro da Terceira Parte do *Livro da Ensinança*, “Per que se declarom as partes como se gaanha a segurança”. Tem sensivelmente metade do tamanho da capitular do fl. 4v (7 UR de altura e metade da largura da coluna de texto), a mesma paleta cromática e, aparentemente, a mesma técnica de execução. A letra é formada por um círculo rosa com dois prolongamentos finos, à esquerda, que partem horizontalmente do topo e da base do círculo e terminam, o superior numa flor cor-de-rosa, o inferior –mais ornamental do que morfológico– em folhas de várias cores.



figura 12 - letra capitular do fl. 110v.

Os primeiros editores do *LdE* não mostraram dificuldade na interpretação desta capitular, que o contexto ajuda a clarificar:

Roquete - “**D**e seer homem sem receo em cavalgar se da grande...” (1842b, 569).

[Campos] - “**D**esseer homẽ sem receo em caualgar, se da grãde...” (1843b, II, 50).

O modelo do D do fl. 110v pertence à série alfabética que, na nomenclatura das escritas, se convencionou chamar uncial, mas a sua identificação não é imediata, sobretudo por causa do prolongamento lateral inferior. A morfologia essencial do D

uncial é um olhal circular e uma haste à direita na zona superior do círculo, orientada para a esquerda, oblíqua ou horizontalmente. Não se assemelha à inicial do fl. 4v.

O manuscrito contém vários outros D nas iniciais monocromáticas filigranadas. Todos se conformam ao modelo típico do D da “maiúscula gótica”,³⁰ a série alfabética de letras de aparato mais comum nos manuscritos góticos tardomedievais: uma haste vertical à qual se une, à direita, um arco circular que se eleva acima e abaixo do comprimento da haste; desta parte, à esquerda, dois curtos prolongamentos horizontais (*figura 13a*). Distinguem-se bem da capitular do fl. 4v pelas proporções relativas da haste e do olhal e pela rotundidade deste.

No intuito de perceber se a capitular do fl. 4v poderia confundir-se com outro tipo de D, procurei exemplos num outro códice quatrocentista português, o manuscrito da *Crónica Geral de Espanha* da Academia das Ciências de Lisboa (ms. 1 Azul).³¹ Perante os exemplos recolhidos³² –capitulares policromadas desenhadas segundo os tipos da “maiúscula gótica”, uncial (*figura 13b*) e uma forma variante sem haste (*figura 13c*)–, constata-se que o aspecto mais saliente em todos é a forma e dimensão do olhal, tipicamente redondo e grande. Os D da “maiúscula gótica” têm sempre os dois prolongamentos laterais à altura do topo e base da haste.

³⁰ Stirnemann & Smith (93) sublinham o carácter artificial, construído, das “maiúsculas góticas” (sempre entre aspas, no contexto actual de reavaliação da nomenclatura paleográfica) e situam a sua génese na ‘escrita comum’: “ces dernières n’ont pas été développées comme une écriture à proprement parler, liée par ses formes et ses proportions, comme l’avaient été les capitales et onciales de l’Antiquité et du Haut Moyen Âge. Nées comme initiales, ce sont des unités graphiques distinctes et qui restent isolées par leur forme aussi bien que par leurs traits ornementaux quand on les juxtapose; le degré avancé d’assimilation entre les différentes lettres de l’alphabet, en détriment des traits distinctifs, paraît aussi peu favorable à la lisibilité.” Na Epigrafia medieval, esta série alfabética recebe o nome de “uncial”: “Rappelons que la tradition épigraphique appelle onciales toutes les lettres qui se distinguent par leur rondeur de la forme classique, et non seulement celles qui sont issues de l’écriture «onciale» selon la nomenclature des paléographes. La «majuscule onciale» désigne ici ce que d’autres appellent «majuscule gothique» par opposition à la «minuscule gothique» des XIV^e - XV^e siècles” (Debiais, Favreau & Treffort, 124, n. 88).

³¹ A escolha do códice resulta de uma observação de L. F. Lindley Cintra, na *Introdução* à edição crítica da obra, que pode sugerir a origem comum do ms. da *Crónica* e do Português 5: “O tipo de letra gótica usado neste códice, principalmente o da sua primeira parte, é semelhante ao do manuscrito único do Leal Conselheiro e do Livro da Ensinança de Bem Cavalgar conservado na Biblioteca Nacional de Paris.” (Cintra, CDXCV).

³² As imagens do ms. 1 Azul da ACL foram retiradas do CD-ROM com o levantamento fotográfico da decoração do códice realizado no âmbito do projecto *Imago* (<http://imago.fcsh.unl.pt/>), por enquanto apenas disponível na Biblioteca da Academia.

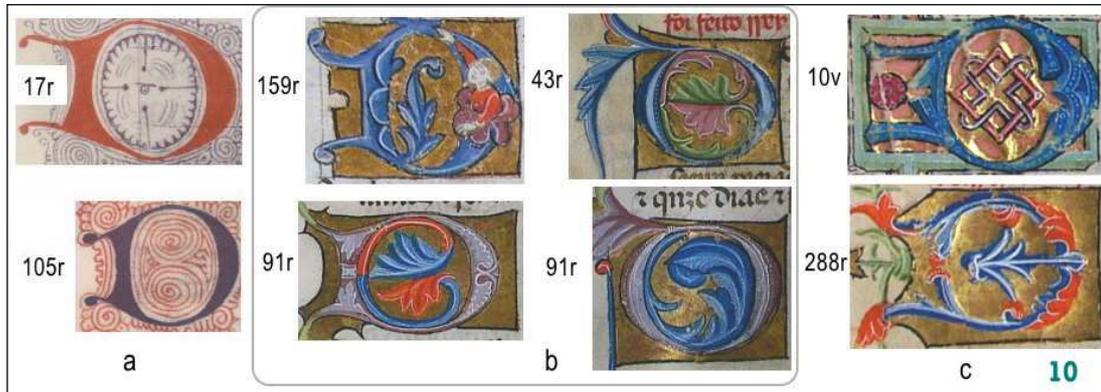


figura 13 - D: a) iniciais do Portugais 5 (góticas); b) iniciais do ms. 1 Azul (góticas e unciais); c) iniciais do ms. 1 Azul (góticas).

Regressando à letra do fl. 4v (*figura 11a*), note-se como o arco lateral não descreve uma curvatura tão acentuada e circular e só se liga à haste da letra no topo; a haste é longa e o remate da base, em ângulo agudo, projecta-se para além do enquadramento dourado e cai sobre um U do texto da linha inferior.

A letra capitular do fl. 4v é um N.

A forma minúscula³³ ‘n’ foi a forma preferida na série das “maiúsculas góticas” e só foi substituída nas escritas de aparato em resultado da adopção da escrita humanística, que reintroduziu o gosto estético pelas formas antigas da capital (em Portugal, na primeira metade do século XVI).³⁴ A *figura 14a* mostra dois exemplos de N das iniciais monocromáticas filigranadas do Portugais 5; a *figura 14c*, exemplos retirados da *Crónica Geral de Espanha* e, ao centro (*figura 14b*), o contorno do capitular do fl. 4v destacando os traços essenciais atrás descritos.

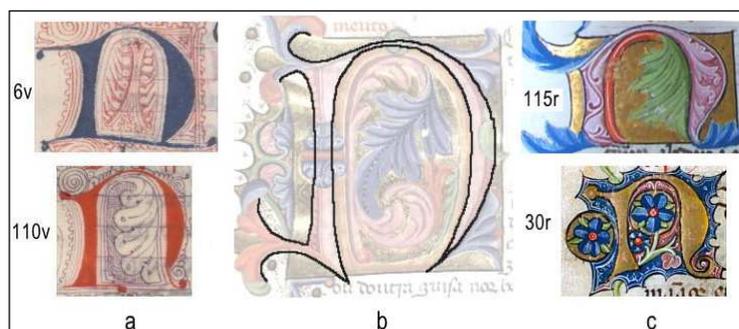


figura 14 - N: a) iniciais do Portugais 5; b) contorno do N do fl. 4v; c) iniciais do ms. 1 Azul.

³³ Da escrita denominada, na nomenclatura paleográfica, minúscula primitiva ou semi-uncial.

³⁴ Cf. Paulo, Jorge Ferreira. *A escrita humanística na documentação régia portuguesa de Quinhentos*. Lisboa: [s.n.], 2006.

Proponho, portanto, que se mude a leitura da 1.^a letra do Capítulo Primeiro do *Leal Conselheiro* para um “N”. A frase completa será: “No entendimento nosso, segundo minha declaração, ha VII partes.”

2. *instruções para o iluminador*

Durante a cópia do texto, o copista foi deixando alguns sinais destinados ao iluminador que iria, mais tarde, decorar o manuscrito. Esses sinais, ou instruções, não partilhavam, em princípio, o destino previsto para o texto escrito e sua decoração, que era permanecer, durar. São marcas propositadamente perecíveis, feitas para serem obliteradas, cobertas por tintas coloridas, removidas pela lâmina do encadernador ou escondidas nas dobras internas dos cadernos. Algumas, porém, sobrevivem, e testemunham um estágio prévio ao, e preparatório do trabalho do iluminador. Feitas a tinta preta, com traço finíssimo, possivelmente com um canto do aparo da pena, encontram-se nas margens de dorso, de goteira, no intercolúnio e no meio do texto escrito, tanto nos cadernos do *LC* como nos do *LdE*.

Outras marcas, ainda mais difíceis de detectar, foram feitas a plumbagina, presumivelmente por outra pessoa que não o copista e em momento posterior à actividade deste –pelo responsável pelo *scriptorium* ou pelo próprio iluminador?– e fornecem indicações cromáticas relativamente aos caracteres a suprir. Coexistem com as primeiras mas não se inscrevem exactamente nos mesmos espaços. Tratarei aqui de ambas as tipologias em simultâneo.

Os sinais que instruem sobre a inscrição dos caldeirões coloridos que pontuam a escrita encontram-se, sobretudo, no meio do texto, mas também nas margens, à esquerda da coluna de texto. Na *Tauoa*, onde cada entrada da lista de capítulos é antecedida de um caldeirão, alternadamente vermelho e azul, só o 1.^o caldeirão do fl. 1v está marcado por um tracinho oblíquo a tinta na margem de dorso (*figura 15a*). Para os outros, um levíssimo traço a plumbagina, nem sempre visível, parece marcar apenas o local onde foram desenhados os caldeirões azuis (*figura 15b*).

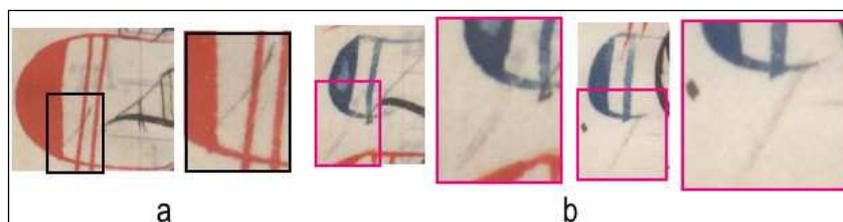


figura 15 - *Tauoa*: a) marca do 1.^o caldeirão do fl. 1r;
b) marcas para os caldeirões azuis, fls. 1v e 2r.

No corpo do texto detectam-se dois procedimentos distintos na sinalização dos caldeirões: até ao fl. 9r, inclusive, não há marcas, sendo os caldeirões assinalados por

espaços em branco (*figura 16a*). O mesmo sucede a partir do fl. 103v, a meio do 1.º caderno do *LdE*, e até ao fim do códice. As únicas excepções estão nos fls. 110v e 121r, onde há traços duplos no final de linhas de escrita. Entre os fls. 9v e 103r os caldeirões são indicados através de dois tracinhos oblíquos, a tinta, colocados no centro de um espaço em branco (*figura 16b*). Não há, aparentemente, relação directa entre a opção do copista por um tipo de marca (espaço branco ou duplo traço) e a estrutura codicológica, mas é de admitir que haja uma relação com unidades textuais: no fl. 9v situa-se o início do capítulo sexto do *LC*, que coincide com o aparecimento dos tracinhos duplos; estes desaparecem a partir do fl. 103v, onde termina o capítulo oitavo do *LdE*, “Como pera todo presta andar direito...” mas o caldeirão seguinte (sem traços) surge apenas no fl. 104r, com o capítulo 11. A relação pode, ou não, ser significativa; só um estudo paleográfico ulterior permitirá esclarecer se a coincidência da mudança de comportamento do copista e de unidades textuais traduz mudanças de mão ou de tempos de cópia, por exemplo.

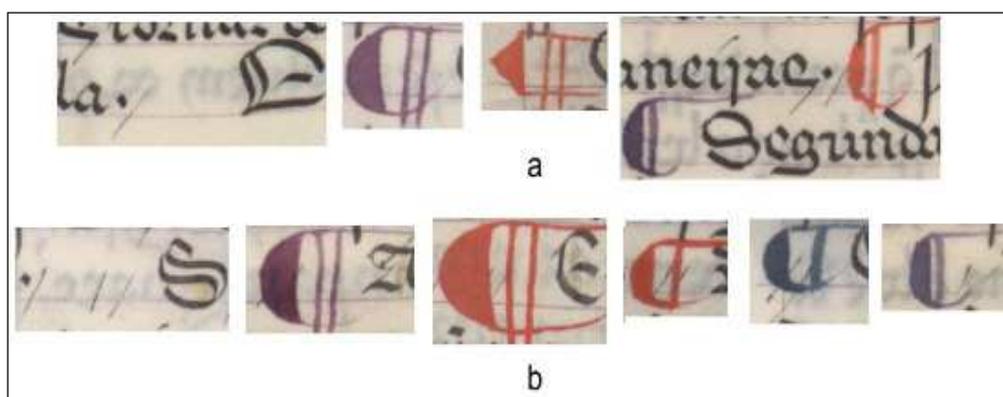


figura 16 - sinalização do caldeirão: a) espaço em branco, fls. 121r, 9r, 9r, 122v; b) traço duplo, fls. 77v, 9v, 9v, 19r, 47r, 103r.

Entre os fls. 89r e 93r do *LC* estende-se o Capítulo 98, “da pratyca que tijnhamos com ElRey meu Senhor e Padre...” no qual cada “avisamento” é introduzido por uma inicial caligrafada (*deformada*) com 2 UR de altura, antecedida de tracinhos duplos para inserção de um caldeirão. A maioria das iniciais escritas na 1.ª coluna de texto estende-se ligeiramente pela margem esquerda; nestes casos, os sinais de espera para os caldeirões foram colocados em plena margem.

Outras marcas deixadas para auxílio do iluminador aparecem sob a forma de letras de espera (letras de aviso ou, ainda, letras-guia) que informam qual a letra a desenhar e pintar.³⁵ No Português 5 as letras de espera são ainda visíveis junto à maioria das

³⁵ Em muitos códices, o teor de títulos de capítulo ou de outros elementos textuais, a vermelho no corpo do texto, ainda é visível nas margens, escrito a tinta negra e em tamanho diminuto, antecipando a intervenção do rubricador. No Português 5 não há vestígios de texto em espera; pelo contrário, após prolongado convívio com as imagens do códice, sou da opinião (sujeita a futura comprovação) de que o

iniciais monocromáticas filigranadas e, em duas instâncias apenas, junto a capitulares policromáticas. Uma delas é, precisamente, o N do fl. 4v, perto do qual se vê a parte terminal da letra de espera, mutilada, no corte de goteira –a primeira que surge no códice– e a outra, um P no fl. 112v.

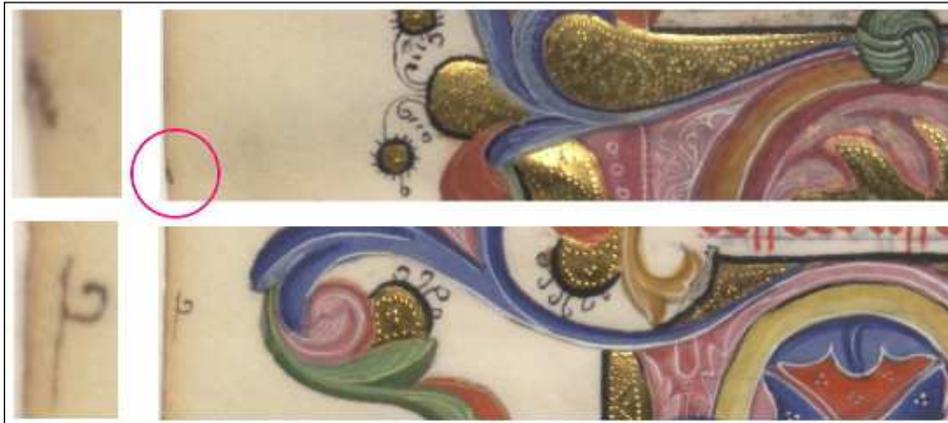


figura 17 - letras de espera das capitulares policromadas: fl. 4v (n), fl. 112v (p).

Nos cadernos 2³⁶ a 13 –com o texto do *Leal Conselheiro*–, as letras de espera foram colocadas muito perto do espaço reservado à inicial filigranada, à esquerda da coluna de texto. A situação observa-se sobretudo sempre que a inicial se encontra na segunda coluna de texto, estando a letra de espera no intercolúnio; com menor frequência, quando a inicial está na primeira coluna, a letra de espera foi deixada mais perto do extremo oposto da margem, junto à dobra do bifólio (nos fólios *recto*) e ao corte de goteira (nos *verso*). Por vezes bem visíveis, outras vezes confundem-se com o desenho da filigrana, outras ainda estão cobertas pela tinta da inicial, através da qual, nalguns casos, transparecem (*figura 18*). Parecem ter sido todas traçadas pela mesma mão, em letra gótica minúscula cursiva.

copista escreveu os títulos a vermelho à medida que progredia na cópia.

³⁶ As letras de espera do cad. 2 referentes a iniciais na primeira coluna de texto parecem ter sido colocadas mais ao centro da margem que as dos restantes cadernos do *LC*.



figura 18 - letras de espera no LC: fls. 6v (n), 15v (h), 19r (a), 85r (e).

Nos cadernos 14 a 17 –com o texto do *Livro da Ensinança*–, as letras de espera das iniciais da 1.^a coluna de texto aparecem mais frequentemente junto à dobra dos bifólios e ao corte de goteira. Por esse motivo, encontram-se em menor número, embora o exame directo do manuscrito possa ainda revelar algumas das que, nas imagens, podem estar escondidas perto do centro dos bifólios. Mas, mais significativa que esta eventual diferença na localização das letras de espera, é a presença, nestes cadernos, de instruções destinadas ao iluminador com indicações quanto às cores das iniciais filigranadas. As iniciais filigranadas, tal como os caldeirões, alternam no colorido entre o vermelho e o azul –na verdade, o “azul” das iniciais e caldeirões do *LdE* está mais próximo do roxo. A decoração a filigrana apresenta a mesma alternância cromática, vermelho para as iniciais azuis ou roxas, roxo (sempre, em todos os cadernos) para as iniciais vermelhas. Nestes quatro cadernos finais, junto a cada inicial e muito perto do espaço que lhes foi reservado, encontra-se uma instrução traçada a plumbagina: para as iniciais vermelhas, um V minúsculo com um traço oblíquo a cortar o primeiro traço da letra, carácter que no sistema abreviativo medieval tem o significado de “ver”, aqui a indicar o “vermelhão” (Serrão, 97-132); para as roxas, as letras minúsculas AZ, a indicar o “azul”.

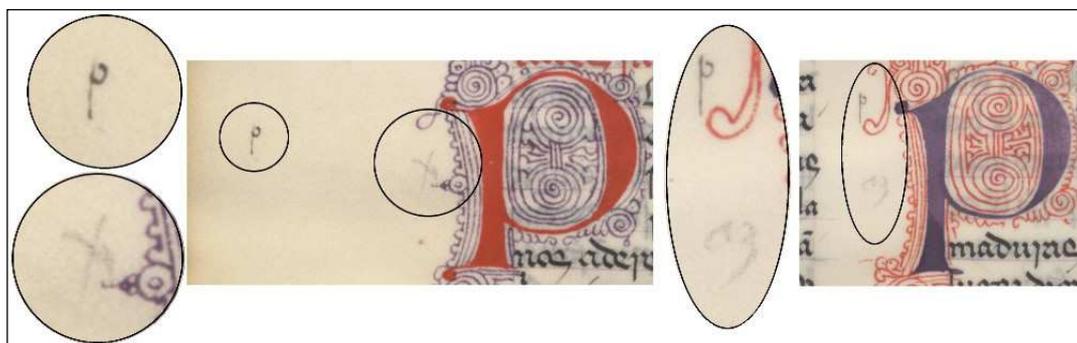


figura 19 - letras de espera e instruções cromáticas no *LdE*: fls. 118v e 121r.

Dado que as instruções cromáticas estão ausentes dos cadrs. 2 a 13, afigura-se-me possível que os cadernos 14 a 17, com o *LdE*, tenham sofrido a intervenção, senão de um outro iluminador, pelo menos de outro tipo de cuidado e atenção no planeamento e supervisão da decoração dos fólhos.

3. “uma certa incompletude do códice”

Joseph M. Piel e Maria Helena Lopes de Castro expressaram a opinião de que o códice Português 5 apresentava sinais de não ter sido devidamente completado. Piel referia-se sobretudo à qualidade da cópia do *LC* e ao cuidado com que a sua revisão fora feita quando escreveu que “Há êrros tão grosseiros e relativamente frequentes, que não podemos imaginar que o autor chegasse a dar-lhe revisão definitiva.” (1942a, XXI). Dois anos mais tarde, no “Prefácio” à edição do *LdE*, chama a atenção (1944, XI-XIII) para vários aspectos que denotam o estado inacabado deste texto e para o modo como termina abruptamente, sem outra conclusão salvo a já citada invocação “Deo Gracjas”, que Piel atribui, correctamente, ao copista e não a D. Duarte. Piel salienta, também, a falta de uma *tauoa*, “correspondente à que acompanha o *Leal Conselheiro*” (1944, XI).

Castro foi mais concreta ao apontar aquilo que sumariou elegantemente como os “vários indícios de uma certa incompletude do códice” (1998a, XXI). No artigo que dedica ao itinerário do manuscrito, desde a origem desconhecida num centro de produção português à sua descoberta, em 1804, no espólio da biblioteca real francesa, Castro avançou a hipótese (1995, 110) de este ter sido prematuramente removido do *scriptorium*, onde se encontraria em fase de acabamento, e referiu especificamente a “falta de caldeirões (com frequência a partir do fol. 61v), a interrupção de letras «à cadels» (do fol. 17v em diante), as duas «rodas» para saber as horas, que não foram desenhadas e para uma das quais o copista deixou espaço no fol. 95r” (121, n. 10).

Das observações citadas focarei, adiante, a ausência de *tauoa* no *LdE* e, de imediato, a questão da falta de caldeirões, um dos dados que permite aferir a qualidade ou sistematicidade do trabalho do decorador, integrando-a numa tentativa de avaliação

mais alargada da perfeição final do objecto codicológico.³⁷ A questão não é tão simples quanto a informação fornecida por Castro parece sugerir. A observação do códice na sua globalidade (não restrita aos cadernos com o *LC*) admite múltiplas vias de análise, todas elas a conjugar com a estrutura codicológica de base:

1. distribuição “geográfica” de presenças e faltas dos caldeirões
2. respeito pela regularidade da alternância cromática
3. cor e forma dos caldeirões

1. Quanto à presença de caldeirões, os cads. 1 (a *Tauoa* do *LC*), 2 e 14-17 estão completos;³⁸ a primeira constatação é, pois, a necessidade de considerar a existência de duas unidades codicológicas distintas no códice Portugais 5, uma que integra os 13 cadernos iniciais e a segunda os 4 finais. A análise da distribuição de caldeirões será, assim, limitada à primeira unidade, que encerra o *Leal Conselheiro*.

As falhas na inserção de caldeirões começam a notar-se logo no primeiro fólio do cad. 3 (fl. 11r), onde falta o primeiro caldeirão. Os fls. 11r, 14v, 15r, 16v, 17r e 18v só têm os caldeirões vermelhos. Na estrutura do caderno, 11r e 18v são as faces externas do bifólio exterior; 14v e 15r são as faces internas do bifólio central. Em 16v e 17r há um caldeirão vermelho e falta um outro. No cad. 4, os fls. 19r e 26v, novamente faces externas do bifólio exterior, só têm os caldeirões vermelhos; no terceiro bifólio, fls. 21/24, faltam os caldeirões azuis em 21r e 24r, faltam todos (para dois espaços em reserva) no fl. 21v; no fl. 24v o texto não prevê caldeirões. A falta dos caldeirões azuis neste caderno nota-se ainda nos fls. 20v e 23v, estes pertencentes a bifólios diferentes (2.º e 4.º, respectivamente).

Em todos os restantes cadernos do *LC* se nota o mesmo padrão de falhas: de forma sistemática, são sempre os caldeirões azuis que não foram supridos. Há apenas duas excepções, nos fls. 33r e 36r, onde coexistem brancos e um único caldeirão pintado de azul. No caso do fl. 36r (cad. 6), estou mais inclinada a interpretar a situação como uma instância de lacuna por desatenção do que como uma verdadeira excepção ao padrão constante de ausência dos caldeirões azuis. Efectivamente, ao longo destes onze cadernos do *LC* o pintor dos caldeirões deixou em branco espaços reservados para um caldeirão em fólhos que, de outra forma, se considerariam completos,³⁹ aparentemente por lapso ou distração; é irrelevante dizer se deveriam ser vermelhos ou azuis visto que os lapsos, na maioria dos casos, não afectam a sequência cromática. Por este motivo, entendo que o que se observa no fl. 36r resulta deste fenómeno: um

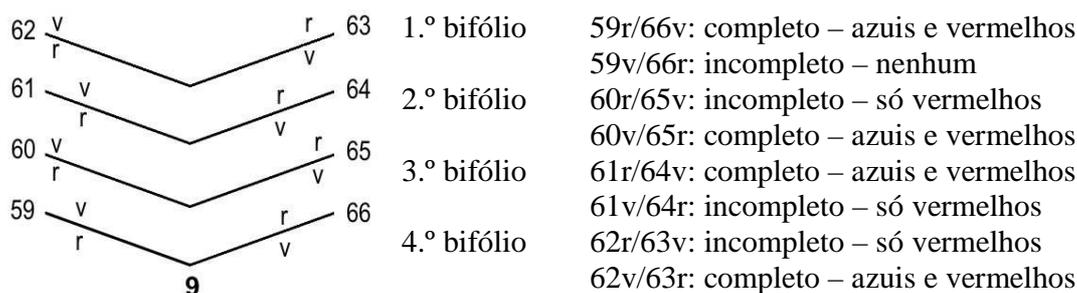
³⁷ Sobre a interrupção da decoração *en cadelure* nas letras da primeira linha de texto, que Castro menciona na citação atrás reproduzida, reservo as minhas observações para o projectado estudo paleográfico do Portugais 5.

³⁸ Faltam só dois caldeirões, nos fls. 101v e 116v; no primeiro caso a falha não interfere com a alternância cromática e, no segundo, o espaço reservado está na última linha da segunda coluna de texto. Ambas falhas se devem a óbvia distração.

³⁹ Fls. 23r, 25v, 26r, 27r, 33v, 36r, 39r, 40r, 48v, 60v, 77r, 85v, 86r, 87v, 89r, e 95v.

espaço reservado, deixado vazio por lapso, mas neste caso num fólio em que, para se manter o ritmo cromático, o primeiro caldeirão pintado teria de ser azul. Este foi pintado mas o espaço reservado para o outro terá passado despercebido das duas vezes que o pintor “visitou” o fólio. Para o fl. 33r, esta explicação não é satisfatória: é certo que duas das reservas em branco não são imediatamente óbvias pois uma está no fim de uma linha de escrita (antes do caldeirão azul) e a segunda no início de outra; eu própria tive alguma dificuldade em as detectar. A terceira, porém, é notória e está seguida de uma maiúscula caligrafada (sempre um bom indício para encontrar marcas de caldeirões). Para mais, a sequência cromática pediria um primeiro caldeirão vermelho e não azul.

Da distribuição das falhas deduz-se que o pintor executou primeiro os caldeirões vermelhos, percorrendo, aparentemente, um lado do bifólio de cada vez, e foi deixando alternadamente em branco as reservas destinadas aos azuis. Estes foram pintados em momento posterior, numa segunda passagem pelos bifólios. A hipótese exposta quanto à organização da tarefa de inserção de caldeirões pode ser ilustrada de maneira modelar através da descrição da sua distribuição no cad. 9:



Em nenhum outro caderno se observa uma correspondência tão perfeita entre faces de bifólio e pintura de caldeirões, embora no cad. 5 esta seja apenas perturbada no fl. 33r, acima referido. O cad. 8 (fls. 51-58) está completo até ao fl. 56r; a partir do fl. 56v só tem caldeirões vermelhos, o que parece sugerir uma progressão de trabalho feita fólio a fólio e não bifólio a bifólio. Observa-se fenómeno semelhante nos cadernos 6 e 10, nos quais as três últimas faces dos fólhos dos cadernos só têm caldeirões vermelhos mas, em ambos, também faltam os azuis no 1.º fólio *recto* de cada caderno, o que reforça a ideia de que o bifólio seria a unidade de base. Todavia, da análise do cad. 9 emerge um outro padrão de distribuição: em paralelo com a semelhança de tratamento entre os lados de cada bifólio solidário, nota-se que, na sequência de fólhos dentro do caderno, as faces que se opõem apresentam o mesmo grau de acabamento (p. ex. 59v-60r, incompletos, 60v-61r, completos, 61v-62r, incompletos, e assim sucessivamente), o que pode sugerir uma outra interpretação da forma como o pintor abordou a tarefa.

As poucas ocorrências de omissão total de caldeirões não parecem ser explicáveis

segundo a perspectiva da actuação do pintor bifólio a bifólio.⁴⁰ Em apreço estão os fols. 21v, 47v, 48r, 59v/66r 77v, 78r, 82r, 90v e 92v.

O fl. 21v, com dois brancos, pertence a um bifólio ao qual faltam todos os caldeirões azuis; os fols. 47v e 48r têm 1 e 2 brancos mas são solidários com fólios completos nas três faces restantes; os dois seguintes, também com 1 e 2 brancos, são solidários entre si mas o outro lado do bifólio a que pertencem está completo, com caldeirões azuis e vermelhos; os fols. 77v (15 brancos), 78r (10 brancos) e 82r (2 brancos) pertencem igualmente a bifólios com todas as outras faces completas; finalmente, os fols. 90v (8 falhas) e 92v (4 falhas), embora em cadernos diferentes, integram o texto do Capítulo 98, com caldeirões indicados através de traços duplos nas margens, em falta só nestes dois fólios.

Com excepção dos dois últimos casos referidos, todos os outros podem ser distribuídos por uma de três situações similares: estão a) dispostos face-a-face (47v-48r, 77v-78r), b) a face oposta do fólio seguinte está incompleta, sem caldeirões azuis (59v-60r, 65v-66r, 81v-82r) ou c) o texto da face oposta não tem reservas para caldeirões (21v-22r). Dos dados apresentados creio que é lícito admitir a possibilidade de ter havido também um critério estético subjacente à ordem pela qual o pintor se dedicou à inserção dos caldeirões.

Parece ser claro que trabalhou em dois momentos sucessivos, primeiro pintando sistematicamente os caldeirões vermelhos, mais tarde (e de maneira pontual) os azuis, embora o padrão de falhas não permita concluir que o trabalho tenha sido realizado numa progressão contínua, do primeiro caderno para o último. Note-se que só uma progressão sistemática fólio a fólio na primeira passagem permitiria atingir uma alternância cromática rigorosa. Uma progressão desordenada resultaria inevitavelmente em erros por impossibilidade de adivinhar a sequência de cores correcta em fólios distantes entre si. Por vezes, na primeira passagem pelos fólios, o pintor não detectou todas as reservas e, na segunda passagem para aplicação do azul, ou identificou o lapso e fez dois caldeirões azuis em sucessão, ou não o identificou e permanece ainda um espaço em branco por preencher. Outras vezes, não chegou a realizar a segunda passagem. Todos estes 11 cadernos apresentam fólios ou bifólios completos seguidos de fólios e bifólios incompletos. Refira-se, a propósito, que em nenhum fólio há falta de iniciais góticas filigranadas, o que demonstra que a execução dos caldeirões não decorreu em simultâneo com o desenho e pintura das iniciais, por um lado, e, por outro, que terá sido a última etapa do trabalho de decoração. Estaria ainda prevista uma revisão final que detectasse estes lapsos e os corrigisse? Em caso afirmativo, a única conclusão possível é que essa revisão nunca teve lugar.

2. No que diz respeito à regularidade da alternância cromática na pintura dos caldeirões, observa-se a mesma repartição por grupos de cadernos que no ponto anterior. Nos cads. 1 e 2 a sequência vermelho-azul é escrupulosamente mantida. Nos

⁴⁰ Com uma excepção: o fl. 31v, solidário com o fl. 30r onde só há caldeirões vermelhos, tem uma única reserva e o caldeirão em falta deveria ser azul, segundo a lógica previsível da sequência cromática. Neste caso é admissível que a falha se deva à suspensão da pintura dos caldeirões azuis.

cadernos 3 a 13 as irregularidades exprimem-se na sucessão de dois caldeirões com a mesma cor e na existência de duas reservas seguidas deixadas em branco em fólhos com caldeirões vermelhos. As sequências apresentadas abaixo, que descrevem a sucessão dos caldeirões nos cads. 3 e 9, são representativas do que se constata nos restantes cadernos do *LC*:⁴¹

- a. ·v|vav|aavavava|avavv|avaava|va|vvav|v·v·v|·v|a|va|v·|·v|vavaav|avv|v·
 b. vava|·|·v|vva·v|vav|··v·|v·|va|vavav|·v·v·v·|·v·v·|vavavaava|va|·vv·v|·|vavavav

A notória diferença na qualidade de execução da decoração menor (os caldeirões, em contraste com as iniciais ornadas e filigranadas, de técnica mais exigente e apurada) entre o cad. 2 e os restantes cadernos do *LC*, sugere fortemente a intervenção de dois executantes. Afigura-se-me plausível que o caderno com o início do texto tivesse sido decorado por um iluminador mais experiente e treinado e a decoração menor dos cadernos subsequentes tivesse sido entregue a um seu aprendiz –ao qual me tenho vindo a referir como “o pintor” ou “pintor dos caldeirões” para o distinguir de artistas mais competentes e treinados, responsáveis pela decoração mais delicada e tecnicamente mais exigente, o, ou os, iluminadores.

Nos cadernos 14 a 17 parece notar-se um outro tipo de irregularidade no ritmo da sequência cromática: uma acentuada preferência para começar cada fólho com um caldeirão vermelho, independentemente de ser essa a opção correcta. A sequência seguinte reproduz a sucessão das cores dos caldeirões dos cads. 15 e 17.⁴²

- a. –|v|rvr|r|r|v|v|v|vrv|rrrv|vr|vvv|vrvr|vr
 b. vrvrv|–|r|vrvrrrvrrrvrvrvrv|vrv|vr|vrvrvrvr|vvr|vrvrvv|vrvrvrrrvrvrv|vrvrv

3. A terceira perspectiva de análise atrás enunciada resulta numa distribuição dos cadernos muito semelhante à acima exposta, sobretudo quando conjugados os dois vectores, cor e forma. Há, porém, elementos comuns a todos os grupos, pelo que abordarei primeiro a forma dos caldeirões.

⁴¹ Seleccionei propositadamente cadernos sem número elevado de caldeirões nem de brancos. Uso **v** para indicar caldeirões vermelhos, **a** para azuis, **·** para falhas e o traço vertical | para mudanças de fólho.

⁴² Uso **v** para indicar caldeirões vermelhos, **r** para roxos, – para fls. sem caldeirões previstos e o traço vertical | para mudanças de fólho.

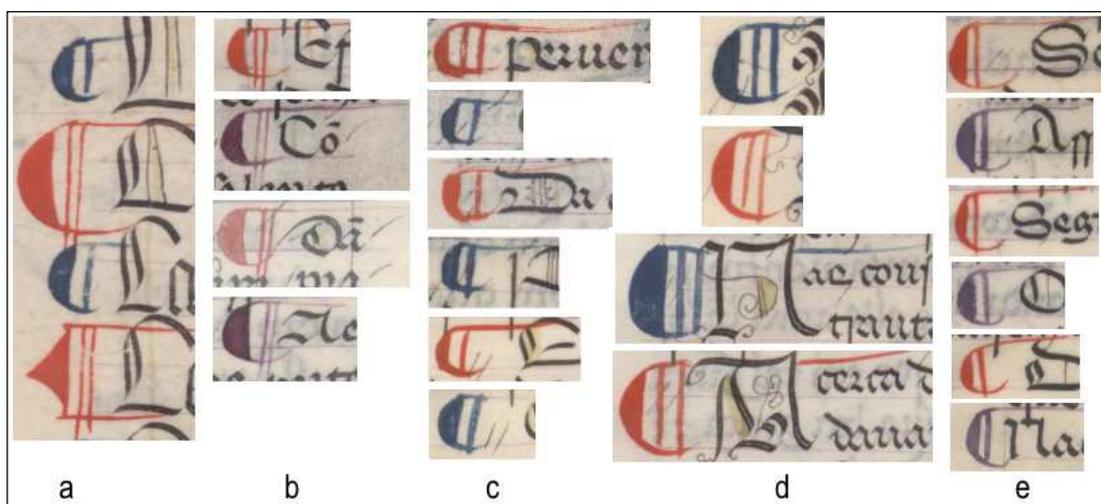


figura 20 - forma dos caldeirões: a) cad.1; b) cad. 2; c) cads. 3 a 13; d) cad. 8, fl 89v; e) cads. 14 a 17.

As figuras 20b, 20c e 20e mostram exemplos retirados do primeiro fólio, do meio e do último fólio dos grupos de cadernos indicados na legenda, um método viável para estabelecer a uniformidade interna de cada unidade em análise. Deixando de lado, por ora, o cad. 1, o 1.º exemplo de 20c e o grupo 20d, atente-se às diferenças na forma dos caldeirões dos grupos 20b, 20c e 20e; para o efeito, considere-se que um caldeirão é composto por quatro elementos: um segmento circular à esquerda, número variável de linhas verticais ao centro, uma curva côncava na base que varia em amplitude e uma horizontal no topo. Os caldeirões de 20b têm um segmento circular mais largo que os de 20c e 20e, duas verticais finas que descem sob a curva de base, uma curva ampla e uma horizontal que se estende sobre duas ou mais letras contíguas; os caldeirões de 20c e 20e têm segmentos estreitos mas em 20c nota-se uma inconstância de traçado que não se detecta em 20e; nestes dois grupos há só uma vertical, mais espessa, a de 20c situada sempre mais à direita que a de 20e. A curva inferior de 20c é mais cheia que as dos outros grupos e mais curta que a de 20b mas a curva de 20e é a menos ampla –os caldeirões de 20e têm uma configuração geral mais estreita, os de 20b têm maiores dimensões. A horizontal de 20c tende a variar em espessura e extensão, sobretudo nos caldeirões azuis (por vezes não alcança a letra contígua) e a horizontal de 20e estende-se sempre sobre a letra contígua mas não é tão longa como a de 20b.

Perante a unidade das características internas de cada grupo e as diferenças relativas entre todos, estou convencida de que a realização dos caldeirões de cada grupo acima descrito se deveu a indivíduos diferentes. O pintor de 20b trabalhou no cad. 2 do *LC*, o de 20c nos restantes cadernos com a obra, e o de 20e só actuou nos cadernos com o *LdE*.

Falta referir os grupos 20a e 20d e o 1.º exemplo de 20c. Escrevi atrás que o iluminador do cad. 2 poderia ter agido como mestre do pintor dos caldeirões dos cads.

3 a 13; acrescento agora que me parece muito plausível que o mesmo mestre iluminador tenha pintado os caldeirões vermelhos da *Tauoa* (cad. 1, *figura 20a*) e deixado ao mesmo aprendiz a tarefa de introduzir os azuis. Os caldeirões vermelhos de *20a* são maiores que os azuis e apresentam as mesmas duas verticais prolongadas além da base que os de *20b*; alternam entre si, regularmente, na forma do segmento da esquerda, circular e triangular. No cad. 2 há cinco caldeirões com o mesmo tipo de segmento triangular, nos fls. 8r, 8v e 9r (por não serem representativos da maioria, não os incluí na imagem), o que reforça a noção de terem sido pintados pelo ‘mestre iluminador’. Pode também ter sido ele – e o contexto admite a hipótese – quem marcou o cad. 1 a plumbagina nos locais onde os caldeirões azuis vieram a ser pintados, para guiar a tarefa do aprendiz. Este, por seu lado, preencheu os espaços livres com o mesmo tipo de caldeirão que fez no *LC*. A completude da *Tauoa* face à incompletude dos cadernos 3-13 do *LC* sugere que, ou esta foi executada em primeiro lugar (p. ex., enquanto um ou mais iluminadores experientes pintavam as iniciais do *LC*), ou o pintor dos caldeirões interrompeu a tarefa no *LC* para completar a *Tauoa*. Seja como for, terá transportado para os primeiros caldeirões que pintou no *LC* – no fl. 11r, o do 1.º exemplo de *20c*, e na face solidária do bifólio, no fl. 18v – e para os caldeirões maiores do *LC* – os de *20d*, que ornamentam o Capítulo 98 – o modelo típico do seu mestre no que este tem de mais distintivo: a duplicação das linhas verticais.

O segundo vector de análise dos caldeirões é a cor. Ao seu comentário juntarei dados provenientes do estudo de um outro elemento decorativo, as iniciais góticas monocromáticas filigranadas, por ser também representativo das diferenças e paralelismos que se podem estabelecer, ao nível da decoração do códice, entre os vários grupos de cadernos. Os exemplos apresentados na *figura 20* ilustram adequadamente as semelhanças e diferenças no uso da cor por parte dos três artistas que tiveram a seu cargo a pintura dos caldeirões do Portugais 5.⁴³

O primeiro ponto a salientar é a aparente identidade tonal de todas as ocorrências do vermelho, tanto nos caldeirões como nas iniciais góticas. Em contraste, percebem-se diferenças assinaláveis nas cores usadas em alternância com o vermelho. De forma breve, observa-se que no cad. 2 foi empregue um tom de roxo avermelhado, único em todo o códice para os caldeirões mas que parece ser a mesma tinta, diluída, com que foram feitos a justificação e o regramento em todos os cadernos. Na *Tauoa* e nos cads. 3 a 13 os caldeirões têm o mesmo tom de azul, o que se conjuga com, e reforça, a minha convicção de que foram feitos pelo mesmo pintor. Nos cads. 4 a 17 os caldeirões são também roxos mas desta feita de uma tonalidade mais azulada.

As iniciais góticas vermelhas ostentam filigrana a roxo; neste conjunto ‘inicial vermelha com filigrana roxa’ parece terem sido usadas as mesmas duas tintas ao longo de todo o códice. Nos cads. 2 a 13, as iniciais que alternam com as vermelhas são

⁴³ À falta de análises da composição química das tintas usadas, terei de basear as minhas opiniões na observação das imagens fotográficas do códice, das quais recolhi amostras cromáticas com o auxílio de uma aplicação de tratamento de imagens digitais. A minha pequena colecção corrobora a percepção fornecida pelos exemplos da *figura 20*.

azuis, aparentemente do mesmo tom de azul dos caldeirões dos cads. 1 e 3-13, e nos cads. 4 a 17 são roxas, do mesmo tom dos caldeirões destes últimos cadernos. Quer as iniciais azuis quer as roxas têm filigrana a vermelho (no qual, repito, não detecto diferenças significativas). O tom de roxo dos caldeirões e das iniciais dos cadernos do *Livro da Ensinança* parece ser o mesmo usado nas filigranas que acompanham as iniciais góticas vermelhas.

Os dados apresentados sugerem um quadro genérico de organização do trabalho de decoração do códice distribuída por três etapas (cada uma com vários tempos, consoante os requisitos próprios de cada elemento decorativo –esboço preparatório, aplicação sucessiva das cores, do ouro, acabamentos de pormenor...). Na primeira etapa foram desenhadas e pintadas as iniciais capitulares policromadas, de grande qualidade técnica e artística, possivelmente pelo mestre iluminador– dever-se-lhe-ão, também, as instruções cromáticas a plumbagina detectadas no *LdE*? Na segunda etapa, o iluminador (o mesmo? parece-me plausível admitir a intervenção de um segundo artista, especializado em certos trabalhos, o destinatário das instruções cromáticas) desenhou e pintou as iniciais góticas monocromáticas e as filigranas, porventura em todo o códice. As vermelhas e respectivas filigranas terão sido pintadas com as mesmas tintas em todos os cadernos; a diferença observada entre o *LC* e o *LdE* na cor das azuis/roxas pode significar a existência de dois responsáveis máximos para cada parte do códice ou, tão-somente, que a segunda etapa decorativa decorreu com alguma distância temporal entre um e outro grupo de cadernos e a tinta roxa azulada, disponível num momento, fora entretanto substituída por uma realmente azul (ou *vice-versa*). Finalmente, na terceira etapa, o iluminador principal do *LC* pintou os caldeirões do caderno inicial da obra usando uma tinta roxa que só se encontra na construção da caixa de texto, e deixou a um decorador menos experiente a prossecução da tarefa, quer no resto dos cadernos, quer na *Tauoa*, uma vez feita. Não foi este aprendiz, no entanto, quem pintou os caldeirões do *LdE*; estes apresentam grande uniformidade morfológica e denotam segurança no traçado pelo que presumo que não se devem a um segundo aprendiz; por outro lado, a similitude das cores usadas nos caldeirões e nas iniciais góticas leva-me a pensar que podem dever-se à mesma pessoa.

Não é de todo inverosímil imaginar um iluminador principal responsável pela supervisão da decoração e, concretamente, pela execução dos elementos policromados e dourados, um outro especializado em desenho de filigranas, eventualmente responsável por completar a decoração em unidades codicológicas de pequenas dimensões, e um terceiro decorador, num estágio inicial de aprendizagem, a quem apenas foi atribuída a realização da decoração de baixa exigência técnica e artística (tarefa que, mesmo assim, não executou com cuidado, atenção, rigor nem diligência).

Quanto à ausência de uma tabela com a lista dos capítulos do *Livro da Ensinança*, não creio que os dois fólhos e meio em branco que encerram o cad. 13 e precedem a

cópia do *LdE* tivessem sido reservados para a escrita de uma eventual *tauoa* da obra,⁴⁴ sobretudo porque estes fólhos se encontram numerados com a foliotação primitiva que percorre o *LC*. Os fólhos 96v, 97 e 98 ficaram em branco porque a cópia do *LC* terminara. Também não me parece sustentável a ideia de que a falta de uma *tauoa* no *LdE* possa ser entendida como consequência de uma hipotética remoção prematura do códice do *scriptorium*. Na verdade, se não fora a ausência, já referida, do desenho da roda das horas no fl. 95r, os indícios que Castro apontou como reveladores de “uma certa incompletude do códice” resumir-se-iam à irregularidade da pintura dos caldeirões nos cadernos 3 a 13, ou seja, dever-se-iam apenas à incompetência de um iluminador aprendiz e –sem dúvida– à falta de revisão e correcção finais. Apesar de não ter ainda estudado a escrita do códice, outros factores levam-me a crer que a cópia dos dois textos das obras de D. Duarte devia já ter sido dada por concluída quando o códice saiu do *scriptorium* e que, sobretudo, no que toca ao *LdE*, tanto na cópia como na sua decoração, foi atingida a completude prevista no projecto inicial.

Em primeiro lugar, sendo dado assente que, na construção dos códices, as etapas decorativas se sucediam sempre à tarefa do copista, pois era nos espaços delimitados e definidos pelo resultado do trabalho deste que a decoração se ia inscrever, a cópia teria forçosamente de estar finalizada quando os cadernos foram entregues aos iluminadores. Em segundo lugar, a foliotação primitiva e subsequente elaboração da *Tauoa* do *LC* só foram realizadas depois de terminada a cópia do texto; o facto de os cadernos com o *LdE* não terem recebido na origem foliotação idêntica à do *LC* reforça a noção de que o projecto codicológico não contemplava a adição de uma tábua de matérias. O conjunto de cadernos com o texto do *LdE* parece-me mais acabado, a decoração não apresenta as falhas ou lacunas que se observam nos cadernos com o *LC*.

Por mais aliciante que pudesse ser atribuir a ausência de uma *tauoa* do *LdE* à interrupção da fase de acabamento do códice, parece-me que a explicação pode ser outra, mais prosaica: o *LdE* não tem *Tauoa* porque o exemplar também não a teria. E o exemplar não a teria porque o autor não chegou a completar a obra, a dar-lhe forma final. Ao contrário do que sucedeu na redacção do *LC*, que terá atingido relativamente cedo um grau elevado de estabilidade textual (como atesta a recente identificação de um fragmento quatrocentista da lista de capítulos de um manuscrito perdido do *LC*),⁴⁵ o texto do *LdE* está incompleto, com número de partes inferior ao anunciado no próprio texto, e com capítulos apenas esboçados (Piel 1944, XI-XII).

Invoco, a propósito, um dado acima referido que me parece adquirir significado particular neste contexto: a inexistência, no fl. 101v, de uma inicial capitular policromada a marcar o início da terceira e mais importante parte do texto do *LdE*. Se

⁴⁴ A hipótese, teoricamente admissível, não foi formulada por nenhum dos investigadores citados.

⁴⁵ A informação foi divulgada por Harvey L. Sharrer no decurso da comunicação “Apresentação da nova BITAGAP: funcionalidades e conteúdos” apresentada no colóquio *Corpus medieval em Português: novos testemunhos na BITAGAP*, CLUL, IEM, CH-FLUL, que decorreu em 1 de Março de 2011 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Está em preparação um artigo de João Dionísio e Susana Tavares Pedro com a edição e estudo do fragmento.

atendermos à coerência interna da obra, este passo introduz, não só a terceira grande parte, mas também a primeira parte das sete menores que a compõem. No manuscrito, porém, após a rubrica que anuncia a terceira grande parte (“Aqui falla da iijª | parte em que se dam xvj auysamentos | pryncypaaes ao boo caualgador.”, fls. 101r-01v), uma ‘simples’ inicial filigranada abre a enumeração dos “auysamentos” (ou partes) a tratar. A seguir a este preâmbulo, outra inicial filigranada marca o início do primeiro capítulo da primeira parte menor (primeiro *auysamento*) mas a rubrica correspondente omite a referência à ‘parte’: “Capitulo primeiro que | falla de seer forte na besta em todallas cou- | sas que fazer (*sic*) e lhe acontecer” (fl. 101vb). O título desta primeira parte só é dado na rubrica que a encerra e antecede a segunda: “**Acaba- | sse a primeira parte do seer forte. E come- | çasse a ssegunda. de sseer sem receo.** Ca- | pitullo prymeiro em que declara per quan- | tas partes todollos homeens som sem receo | E como per nacença som algũus sem receo.” (fl. 107va). Esta e as cinco partes menores subsequentes são todas marcadas por iniciais policromadas.

Dada a consistência com que a hierarquia das letras de aparato reflecte a hierarquia das unidades textuais no resto do *LdE* (capitulares policromadas para as ‘partes’ / primeiro capítulo, maiúsculas góticas filigranadas para os capítulos subsequentes), a quebra do padrão neste ponto sugere que a ausência, quer de distinção clara entre o fim da segunda grande parte e o início da terceira, quer de um título a assinalar a primeira parte menor desta última, se encontrariam já no exemplar. Sugere, igualmente, que este não estaria acompanhado de uma *tauoa* pois, nela, as unidades textuais mais importantes estariam devidamente assinaladas.

Em conclusão, a análise de aspectos codicológicos do códice Português 5 permite ponderar a existência de duas unidades codicológicas, distintas sobretudo em áreas específicas da decoração, mas não se pode ignorar que o número de elementos comuns –qualidade e tipo de pergaminho, empaginação, processo de lineamento, técnica de ordenação de cadernos, tipo de escrita, tipologia e hierarquia dos elementos decorativos, intervenção de executantes– excede em muito as diferenças detectadas. O códice original (aquele que recebeu a primeira encadernação) foi, certamente, produzido num *scriptorium* de dimensões razoáveis, no qual trabalhariam vários indivíduos em simultâneo e que funcionava como uma “escola” do mester de iluminador. É, claramente, um objecto luxuoso, produzido para um destinatário de elevada condição social cuja identidade permanece uma questão em aberto. Não tem muitas marcas de uso, o que não deixa de ser curioso, e encontra-se num estado pristino de conservação, sugerindo que não terá sido lido com frequência. Não há desenhos ou quaisquer escritos nos fólhos em branco (locais privilegiados de inscrição de apontamentos fortuitos), e as poucas anotações marginais encontram-se apenas nos fólhos com o *Leal Conselheiro*. Como notou Castro (1998a, xx), “Há um certo número de *notae* marginais –desenhos feitos nas margens e intercolúnios chamando a atenção do leitor para passagens de especial interesse– que parecem ser contemporâneas da

escrita originária.” Estas *notae*⁴⁶ (que, embora claramente ornamentais, não são “desenhos” mas sim o esquema abreviativo da palavra ‘nota’, um N encimado por um sinal associado à vogal A –*cf. figura 21*), com uma única excepção, são, efectivamente, contemporâneas da cópia, feitas verosimilmente pelo copista, ornamentadas com os mesmos traços filiformes que decoram os reclusos e os mesmos traços de realce a tinta amarela que se encontram nas maiúsculas simples do texto. Deduzo que estariam já presentes no manuscrito a partir do qual a cópia foi efectuada. A excepção é a *nota* do fl. 62v (a imagem do canto inferior esquerdo na *figura 21*), escrita em minúscula gótica semi-cursiva, formada pelas letras ‘no’ e o sinal de A, de dimensões reduzidas –o módulo das letras é menor que o da escrita do texto– e sem ornamentos. Encontra-se no Capítulo 58 *Dos speciaaes notados do liuro de tullyo de officijs que aa prudencya perteecem* e assinala a passagem “Empero por o estado dellas | nom deumos de leixar as obras uir- | tuosas **porque o louuor da uirtude to- | do esta na obra**”. Trata-se, possivelmente, da única anotação marginal feita por um leitor do manuscrito.



figura 21 - *notae* dos fls. 54r, 62v e 88r.

A hipótese avançada por Castro (1995, 110 *passim*) quanto a uma saída prematura do códice de Portugal por mão da Rainha D. Leonor, e a sua permanência ulterior em ambientes onde a língua portuguesa não imperava, pode explicar que este tivesse sido pouco consultado; mas o mesmo se poderá afirmar em relação à proposta de Aires do Nascimento (284-85), que aponta o Condestável D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, como o responsável pela transferência do manuscrito para fora do país.

É necessário estudar outros códices de proveniência portuguesa quatrocentista, presumivelmente originários de oficinas próximas da Corte régia, de modo a procurar a origem possível do Português 5 e aumentar os poucos dados de que os investigadores ainda dispõem sobre um artefacto de tão grande importância para a cultura portuguesa.

⁴⁶ Presentes nos fls. 9r, 14r, 25r, 26r, 32r, 47v, 54r, 55v, 60r, 62r, 62v, 64r, 65r, 70r, 74v, 79v e 88r.

Apêndice I - Descrições Codicológicas do códice Bnf, Portugais 5

1. Xavier, Cândido José. “Leal Conselheiro, o qual fez Dom Eduarte polla graça de deos Rey de Portugal e do Algarue e Senhor de Cepta. Arrequerimento da Muyto excellente Reynha Dona Leonor sua molher. Codice 7007 da Bibliotheca Real dos M. S. de París (primeiro artigo).” *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* t. VIII, 1.^a parte (1820a): 8-11.

Seja como for, varios escriptores, seguindo a autoridade de Fr. Bernardo de Brito, fizeram menção daquelles tratados, e convierão que de todos elles nada se sabia que existisse já naquelles tempos em Portugal. Neste caso, pareceo-nos fazer hum serviço interessante á literatura antiga portugueza, consignando com alguma extensão nos nossos Annaes o exame que fizemos do Codice 7007 da riquissima Bibliotheca Real dos Manuscritos de París, o qual contém dois daquelles tratados, a saber: *Leal Conselheiro*, e não *fiel* como escreveo Brito, e o *Livro da Enssynança de bem caualgar toda sela*, a que o mesmo Brito chamou *Arte de cavalgar e domar bem hum cavalo*, e que Barboza fez conhecer com o titulo de *Arte de domar os cavalos*. (...).

He pois o Codice 7007 hum volume em folio grande, escripto em pergaminho e em gothico, com 128 folhas, ou 255 paginas, por ser o verso da ultima folha em branco, e cada pagina em duas columnas. Este Codice acha-se encadernado em marroquim encarnado com as armas de França, como muitos outros daquela Bibliotheca. O manuscripto que elle contém é evidentemente uma copia, porém feita com a maior perfeição e luxo, que pode desejar-se, e conferida com o maior escrupulo, o que se vê de algumas palavras essenciaes ao sentido, e até letras, que por engano o copista raras vezes tinha omittido, as quaes se achão escriptas com a mesma tinta, e com o mesmo character entre as linhas do texto. Nelle não ha raspadella, nem emenda, a não serem as poucas que acima dissemos, e está perfeitamente conservado. A letra capital, ou a inicial de cada capitulo, he cuidadosamente desenhada com tintas de diversas côres, e estes desenhos enriquecidos muitas vezes com ouro; os accessorios delles occupão toda a extensão da columna em que o capitulo começa; tudo na fórma usada nos manuscriptos mais perfeitos daquelles tempos.

O que o Snr. D. Duarte comprehendeo debaixo do titulo de Leal Conselheiro. compõe-se de huma *Tauoa*, que occupa as primeiras tres paginas e principio da quarta, cujo resto fica em branco; de hum *Prollego*, que principia na terceira folha, e acaba no *recto* da quarta, e de 103 capitulos, os quaes occupão desde o *verso* da folha 4 até ao *recto* da folha 96.

He de notar que seguindo-se o texto sem descontinuação desde o principio até ao fim d’este tratado, no fim do capitulo CI deixou o copista 22 linhas em branco, acabadas as quaes, e pelo meio da mesma columna, pincipiou [*sic*] o cap. CII; como reservando de proposito aquelle espaço, para algum accrescentamento, que sabia dever ter lugar.

No *recto* da folha 96, onde acaba a obra no principio da segunda columna, ficão

nesta 31 linhas em branco; seguem-se, igualmente em branco, mas regradas e promptas para nellas se continuar a escrever, o *verso* da dita folha 96, toda a folha 97, e toda a folha 98. Estas 98 folhas forão todas numeradas com caracteres romanos, na mesma fórmula gothica, e com a mesma tinta do manuscrito; mas por effeito da encadernação, alguns dos numeros se achão cortados, razão porque forão, provavelmente depois de encadernado o manuscrito, numerados de novo com outra tinta e com caracteres arabigos.

No recto da folha 99 começa com o mesmo luxo e perfeição a copia do livro da Ensinança de bem cavalgar. o qual occupa até ao meio da primeira columna da folha 128: estas 30 folhas são todas numeradas com caracteres arabigos e com tinta diversa da do texto, e não tem signal, como as outras, de terem sido nunca numeradas em gothico. Seguem-se á folha 128 mais tres folhas em branco, perfeitamente limpas, sem regrado, nem disposição alguma para continuar a escrever-se nellas.

2. Santarém, Visconde de. "Introducção." In José Ignacio Roquete ed. *Leal conselheiro, o qual fez Dom Duarte, ... seguido do Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella, que fez o mesmo rei, o qual começou em sendo Infante*. Paris: J.-P. Aillaud, 1842. XIV.

Trataremos agora do Codice em que se encontrão as duas obras, que hoje vêm pela primeira vez a luz publica.

É o Codice 7007 um volume de folio magno, escripto em optimo pergaminho, e em gothico, com 128 folhas, ou 255 paginas, e cada pagina em duas columnas. Achase encadernado em marroquim encarnado com as armas de França, encadernação mandada fazer em tempos modernos, que nos prova que este Codice pertence ao *fonds du Roi*. Este manuscrito é uma copia, mas em nosso entender a copia authentica que o illustre Autor mandou tirar debaixo das suas vistas, e talvez a mesma que dedicou á Rainha Dona Leonor sua esposa; tanto mais que é feita com a maior perfeição e luxo, vendo-se que fôra conferida com o maior escrupulo, como se mostra d'algumas palavras essenciaes ao sentido, e até letras, que o copista por engano varias vezes tinha omittido, as quaes se vêm escriptas com a mesma tinta, e com o mesmo character entre as linhas do texto. Não se encontrão nem raspadellas nem emendas, a não serem as que acabâmos de notar. As letras capitaes, ou iniciaes em principio de cada capitulo, são admiravelmente desenhadas, e illuminadas com primorosas cores, muitas vezes recamadas d'ouro, e cujos accessorios occupão pela maior parte toda a extensão da columna em que o capitulo principia (...).

3. [Campos, Francisco António de]. “Noticia do Manuscrito extrahida dos Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras, Tomo 8.º e 9.º.” In *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sella, escritos pelo senhor Dom Duarte... fielmente copiados do manuscrito da Bibliotheca Real de Paris*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1843a. v–vi.

NOTICIA DO MANUSCRITO

extrahida dos Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras, Tomo 8.º e 9.º

(...) Seja como for, o certo é que os varios escritores que, seguindo a auctoridade de Brito, fizeraõ mençaõ daquelles tratados, convieraõ que de todos elles nada se sabia que existisse já naquelles tempos, isto é, anteriores á descoberta de João Franco Barreto: e tendo nós encontrado na riquissima Bibliotheca Real dos manuscritos de París o Codice n.º 7:007, contendo as duas obras mais consideraveis do Sr. D. Duarte, julgamos que fazemos bom serviço dando á luz este precioso monumento da nossa antiga litteratura Portugueza.

É pois este Codice um volume de folio grande, escrito em pergaminho e em gothico, com 128 folhas, ou 255 paginas, por ser o seu verso da ultima folha em branco, e cada pagina em duas columnas. Este Codice acha-se encadernado em marroquim encarnado com as armas de França, como muitos outros daquela Bibliotheca. O manuscrito que elle contem é evidentemente uma copia, porem feita com a maior perfeiçaõ e luxo, que póde desejar-se e conferida com o maior escrupulo, o que se vê de algumas palavras essenciaes ao sentido, e até letras que por engano o copista raras vezes tinha omittido; as quaes se achaõ escritas com a mesma tinta, e com o mesmo character entre as linhas do texto. Nelle não ha raspadella, nem emenda, a não serem as poucas que acima dissemos, e está perfeitamente conservado. A lettra capital, ou a inicial de cada capitulo, é cuidadosamente desenhada com tintas de diversas cores, e estes desenhos enriquecidos muitas vezes com oiro; os accessorios delles occupaõ toda a extensaõ da columna em que o capitulo começa; tudo na forma usada nos manuscritos mais perfeitos daquelles tempos.

4. Piel, Joseph M. “Prefácio.” In Joseph M. Piel ed. D. Duarte. *Leal Conselheiro o qual fez dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta*. ed. crítica e anotada. Lisboa: Livraria Bertrand, 1942a. xx–xxi. (sem as notas)

Do Leal Conselheiro existe um único códice, o da Biblioteca Nacional de Paris (fundo português 5, antigas cotas 378 e 7007), que contém também o *Livro de cavalgar toda sella*, obra que, por causa do seu carácter diferente, resolvemos publicar à parte. Não sendo possível nas circunstâncias actuais examinar o original, tivemos de recorrer na elaboração da presente edição a uma fotocópia. John M. Burnam, na sua «Paleografia Ibérica», pág. 221, descreve-o assim: «Ce ms. consiste en 128 ff.

parchemin, tous numérotés, et pourvus d'écriture, sauf 96 vº, 97 e [sic] 98; plus trois ff. de parchemin, à la fin. La réglure est à la mine de plomb, on trouve des initiales de rouge et bleu en alternative; les cahiers, généralement de huit ff, mais quelquefois de deux ou de dix, sont fournis de réclames, sauf le deuxième; il n'y a pas de titre courant». Quanto à escrita, observa: «Belle gothique régulière, lettres aiguës [sic] et souvent presque carrées; les hastes sont grandes et pourvues d'une fente aux sommets, les queues se prolongent au-dessous de la ligne, *s* cursif et *f* s'étendent dans les deux sens, *s* rond se montre à la fin seulement, *d* est toujours oncial, les boucles de *b*, *o*, *p*, *q* sont très larges, *g* et *z* se développent vers la gauche, *r* rond se trouve après les voyelles et les caractères à boucle, *m* à la fin d'un mot s'étend à gauche». Acrescentemos que o códice está escrito a duas colunas e que a escrita se aproxima muito da do códice alcobacense 279 (451), da *Vita Christi*, de que Burnam reproduz um fólio na sua referida obra (pl. XXXV).

(...) O próprio códice está, aliás, longe de ser tão cuidado como o pretende o Visconde de Santarém, quando diz ser feito «com a maior perfeição e luxo, vendo-se que fôra conferido com o maior escrupulo...». O que verificámos é precisamente o contrário. Há êrros tão grosseiros e relativamente freqüentes, que não podemos imaginar que o autor chegasse a dar-lhe revisão definitiva.

5. Castro, Maria Helena Lopes de. “Leal Conselheiro—o texto, o manuscrito, as edições.” In Maria Helena Lopes de Castro ed. *Leal Conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998a. XIX-XXI. (sem as notas)

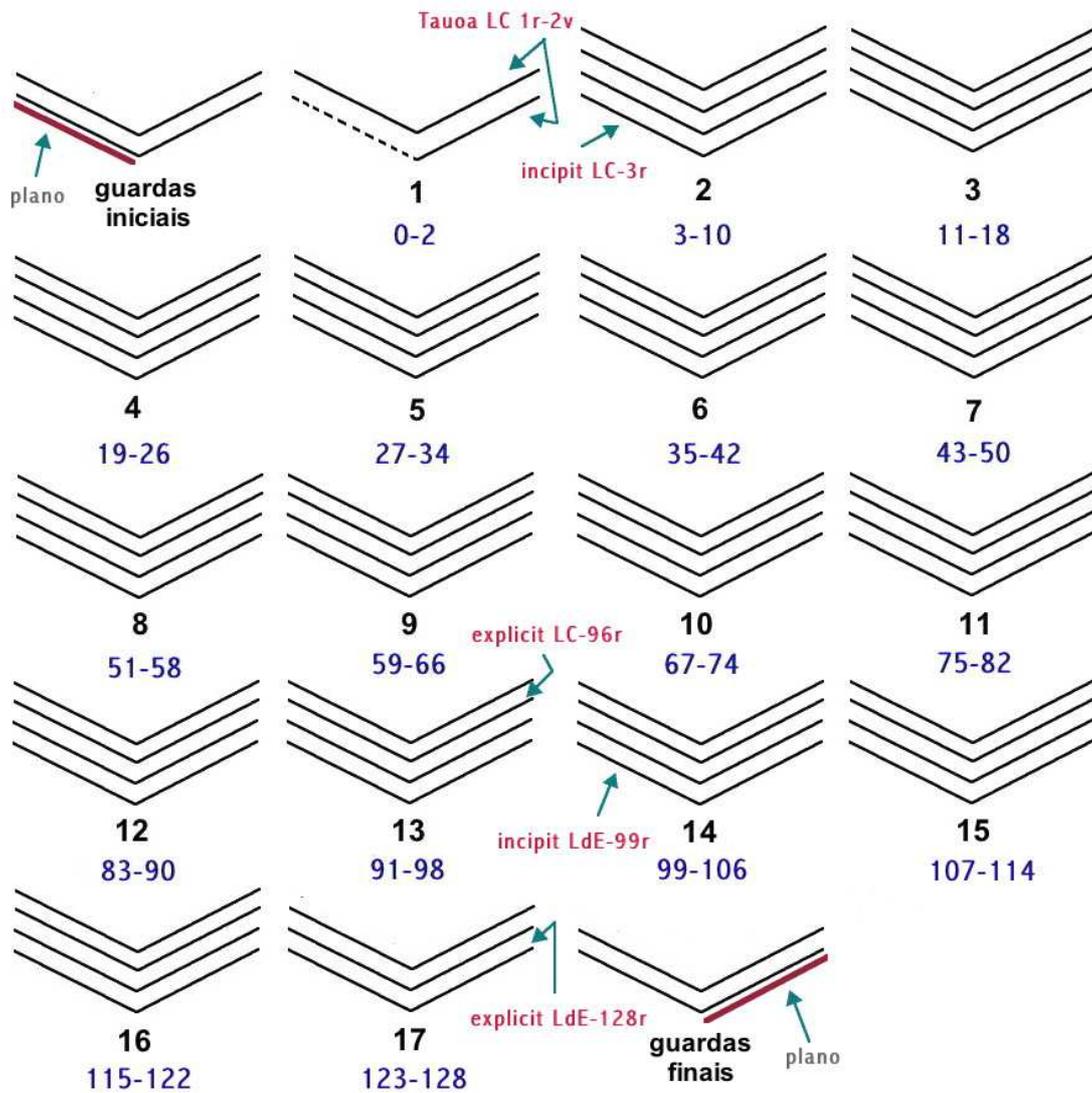
O códice «Portugais 5» é um volume de 128 fólhos pergamináceos, organizado em 18 cadernos: o primeiro é formado por 2 fólhos, o segundo por 10, os 14 seguintes por 8 fólhos cada, o décimo sétimo por 6 fólhos e, finalmente, o décimo oitavo por 4. O texto do *Leal Conselheiro* preenche os 13 primeiros cadernos e corresponde aos fólhos 2 a 96; o *Livro da Ensinança* aos fólhos 99 a 128. A separação entre os dois livros é estabelecida por dois fólhos em branco, ainda que enregrados, ambos incluídos no caderno 13.

No seu estado actual, os cadernos não apresentam assinatura mas todos eles, com excepção do primeiro, têm *reclame* envolto por arabescos. As dimensões actuais dos fólhos são as seguintes: 405 x 252 mm. O facto de todos os fólhos terem as mesmas medidas e de alguns conservarem vestígios da primitiva numeração em romano –hoje mutilada mas de há notícia na Távoa– revela que o volume foi aparado para efeitos de encadernação, tendo sido maior o seu formato original. A foliação original corresponde exactamente à Távoa inicial. Tal não é o caso da foliação mais recente que foi feita em algarismos árabes pela mesma mão que atribuiu uma das cotas antigas, 378. A página está enregrada a tinta escura, e a duas colunas, cada uma com um número de linhas variando entre 41 e 43, das quais as duas primeiras e as duas últimas abarcam a largura da mancha. A presença de picos é observada apenas nos quatro ângulos extremos.

A escrita é «uma bela gótica regular, de letras agudas, por vezes quase quadradas» [Burnam, *Paléographie Ibérique*, p. 221] que, pela sua uniformidade, sugere ter havido apenas um copista e um revisor.

A decoração, não sendo exuberante, é de grande beleza: os títulos e a numeração dos capítulos são rubricados, bem como algumas palavras do texto merecedoras de destaque; as iniciais capitulares, alternando a vermelho e azul, são realçadas com desenhos na margem ou no intercolúquio, de motivos abstractos e florais, ocasionalmente com figurações de aves e dragões, de gosto italianizante. Nos primeiros fólhos, até ao fl. 17, nota-se a preocupação de utilizar as margens superior e inferior para ornamentação obtida com o prolongamento de hastes ascendentes e descendentes. Este efeito (*cadelures*) não prossegue depois daquele fólho, embora não tenha havido mudança de copista, tanto quanto se pode perceber pela constância de uma escrita tão formal como esta. No capítulo LRVIII, em conexão segura com o texto, os caldeirões abrem parágrafo, cujas iniciais são filigranadas (fls. 89r a 93r). Também no capítulo LRIX (fl. 93r), a «oração de Justo Juiz» tem treze iniciais com o dobro do tamanho de qualquer outra, sendo todas muito ornamentadas. Há um certo número de *notae* marginais –desenhos feitos nas margens e intercolúquios chamando a atenção do leitor para passagens de especial interesse– que parecem ser contemporâneas da escrita originária. Apenas quatro grandes capitais estão decoradas (fls. 1r, 3r, 4v e 89r). A primeira, a que inicia a Tavoia, é um T desenhado com a tinta negra da escrita em que o copista jogou com os finos e os grossos. De forma circular, com o interior em filigrana amarela, as suas hastes terminam em pequenos círculos encarnados. Na parte exterior, o T é decorado com «cadêles» tal como o traço transversal que não atravessa a letra mas se lhe sobrepõe. As outras três capitais são o M, o D e de novo o M, respectivamente nos fólhos 3r, 4v e 89r, qualquer delas de uma bela policromia e grande riqueza de materiais cuja decoração ultrapassa os limites da própria área, num estilo de inspiração novamente italiana. Quase no fim do livro (fl. 95r), há um longo espaço em branco, de 22 linhas, reservado a um desenho que não chegou a ser feito mas que, por comparação com o do *Livro da Cartuxa de Évora* (códice 3390 da Biblioteca Nacional de Lisboa), se conjectura seria uma roda das horas. Este é um dos vários indícios de uma certa incompletude do códice.

Apêndice II - Representação gráfica da estrutura codicológica do Português 5



Lista ordenada dos manuscritos citados

1. D. Duarte. *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de bem Cavalgar*. BnF, Portugais 5. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60004002>.
2. *Commento d'anonimo alla Divina Comedia: ciascuna delle tre parti del commento é preceduta dal relativo Cap. in terza rima di Mino di Vanni d'Arezzo*. BnF, Italien 535. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8426822t>.
3. Augustinus Hipponensis, *Contra Faustum*. BnF, Latin 2082. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447063v>.
4. *Infortiatum, cum glossis Accursii*. BnF, Latin 4476. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84526501>.
5. *Strambotti e poesie varie di Francesco Spinello, "Colecta", Leonardo Lama, Francesco Galeotto, Pier Giacomo de Jennariis, Michele Ricca, "Johanni de Troculi", Cola di Monforte, ecc. in dialetto napoletano*. BnF, Italien 1035. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8433318j>.
6. *Bible moralisée*. BnF, Français 167. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447300c>.
7. Saint Augustine, *De Civitate Dei*; tradução fr. [*La cité de Dieu*] de Raoul de Presles. BnF, Français 174. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8449719g>.
8. Honoré Bovet, *Vision du prieur de Salon*. BnF, Français 810. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84471792>.
9. Anseïs de Carthage; Alexandre de Bernay, *Athis et Prophiliis*. BnF, Français 793. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84525424>.
10. Conde D. Pedro de Barcelos, *Crónica Geral de Espanha*. Academia das Ciências de Lisboa, Série Azul, ms. 1.

Bibliografia citada

- [Campos, Francisco António de]. "Noticia do Manuscrito extrahida dos Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras, Tomo 8.º e 9.º." *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sella, escritos pelo senhor Dom Duarte... fielmente copiados do manuscrito da Bibliotheca Real de Paris*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1843a. III–VII.
- , ed. *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sella, escritos pelo senhor Dom Duarte... fielmente copiados do manuscrito da Bibliotheca Real de Paris*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1843b.
- Castro, Maria Helena Lopes de. "Leal Conselheiro. Itinerário do manuscrito." *Penélope* 16 (1995): 109-24.
- . "Leal Conselheiro—o texto, o manuscrito, as edições." In Maria Helena Lopes de Castro ed. D. Duarte. *Leal Conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998a. XV–XXVI.
- , ed. D. Duarte. *Leal Conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998b.

- Cintra, Luís Filipe Lindley. *Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português*. Vol. I. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1951.
- Debiais, Vincent. Favreau, Robert & Treffort, Cécile. “L’évolution de l’écriture épigraphique en France au Moyen Âge et ses enjeux historiques.” *Bibliothèque de l’École des chartes* 165 (2007): 101-37.
- Dionísio, João & Sá-Nogueira, Bernardo de. “Sobre a datação do manuscrito *P* do *Leal Conselheiro*, de D. Duarte: a fórmula *que Deus perdoe*.” *eHumanista* 8 (2007): 117-32. http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_08/articles/6_Dionisio_and_Sa_Article.pdf.
- Europeana Regia, a digital collaborative library of royal manuscripts. <http://www.europeanaregia.eu>.
- Lemaire, Jacques. *Introduction à la Codicologie*. Louvain-la-Neuve: Institut d’Études Médiévales, Université Catholique de Louvain, 1989.
- Nascimento, Aires A. “Manuscritos e textos dos Príncipes de Avis: o *Leal Conselheiro* e outros manuscritos. Problemas de deriva filológica e tentativa de reintegração.” In Martha E. Schaffer & Antonio Cortijo Ocaña eds. *Medieval and Renaissance Spain and Portugal. Studies in Honor of Arthur L-F. Askins*. Woodbridge, London: Tamesis, 2006. 269-88.
- Paulo, Jorge Ferreira. *A escrita humanística na documentação régia portuguesa de Quinhentos*. Lisboa: [s.n.], 2006. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Paleografia e Diplomática pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiada.
- Piel, Joseph M. “Prefácio.” In Joseph M. Piel ed. D. Duarte. *Leal Conselheiro o qual fez dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta*. ed. crítica e anotada. Lisboa: Livraria Bertrand, 1942a. IX-XXVI.
- , ed. Duarte, D. *Leal Conselheiro o qual fez dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta*. ed. crítica e anotada. Lisboa: Livraria Bertrand, 1942b.
- . “Prefácio.” In Joseph M. Piel ed. D. Duarte. *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sela que fez el-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta*. ed. crítica. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944. IX-XVII.
- Prou, Maurice. “John M. Burnam. *Palæographia iberica. Fac-similés de manuscrits espagnols et portugais (IX^e-XV^e siècles), avec notices et transcriptions*. 1^{er} fascicule, 79 pages et 20 planches de phototypies, in-fol. Paris, Champion, 1912.” *Journal des Savants* (1913): 424b-26b.
- Roquete, José Inácio, ed. *Leal Conselheiro, o qual fez Dom Duarte, Pela graça de Deos Rei de Portugal e do Algarve, e Senhor de Ceuta, A requerimento da muito excellente Rainha Dona Leonor sua mulher; seguido do Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sella, que fez o mesmo Rei, o qual começou em sendo Infante*. Paris: J.-P. Aillaud, 1842.
- Santarém, Visconde de. “Noticia dos Manuscriptos pertencentes ao Direito Publico Externo Diplomatico de Portugal e á Historia e Litteratura do mesmo paiz que

- existem na Bibliotheca Real de París e outras da mesma capital, e nos archivos de França.” *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* 15 (2.^a parte) (1821): 5-36.
- . “Introdução.” In José Inácio Roquete ed. *Leal conselheiro, o qual fez Dom Duarte, ... seguido do Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella, que fez o mesmo rei, o qual começou em sendo Infante*. Paris: J.-P. Aillaud, 1842. v-xvi.
- . *Noticia dos Manuscriptos pertencentes ao Direito Publico Externo Diplomatico de Portugal e á Historia e Litteratura do mesmo paiz que existem na Bibliotheca Real de París e outras da mesma capital, e nos archivos de França*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1827.
- Serrão, Vítor. “«Acordar as cores...»: os pigmentos nos contratos de pintura portuguesa dos séculos XVI e XVII”. In Luís Urbano Afonso ed. *The Materials of the Image / As Matérias da Imagem*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» da Universidade de Lisboa, 2010. 97-132.
- Silva, José Custódio Vieira da & Miranda, Maria Adelaide ed. *Levantamento fotográfico da Crónica Geral de Espanha — Ms. Série azul 1, realizado no âmbito do projecto Imago*. CD-ROM. Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, s.d.
- Stirnemann, Patricia & Smith, Marc H. “Forme et fonction des écritures d’apparat dans les manuscrits latins (VIII^e-XV^e siècles).” *Bibliothèque de l’École des chartes* 165 (2007): 67-100.
- Xavier, Cândido José. “Leal Conselheiro, o qual fez Dom Eduarte polla graça de deos Rey de Portugal e do Algarue e Senhor de Cepta. Arrequerimento da Muyto excellente Reynha Dona Leonor sua molher. Codice 7007 da Bibliotheca Real dos M. S. de París (primeiro artigo).” *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* 8 (1.^a parte) (1820a): 3-35.
- . “Liuro de Enssynança de bem caualar toda sela que fez Elrrei Dom Eduarte de Portugal e do Algarue e Senhor de Cepta o qual começou em sendo Iffante. Codice 7007 da Bibliotheca Real dos M. S. de París (segundo e ultimo artigo).” *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* 9 (1.^a parte) (1820b): 92-127.